



Literando

# Das Verdades e Mentiras

*que se quer contar...*

ORGANIZADO POR  
KATIA CRISTINA  
SCHUHMAN ZILIO

Vol.  
VI

Katia Cristina Schuhmann Zilio  
Organizadora

Das Verdades e Mentiras  
*que se quer contar...*

*Ficha Técnica*  
Literando Editora

*Editorial*  
Literando Editora

*Revisão*  
Literando Editora

*Diagramador*  
Roni Peterson

*Capa*  
Literando Editora

DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER CONTAR...

©2022 Katia Cristina Schuhmann Zilio

Todos os direitos reservados  
Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

# Prefácio

Ao iniciar O Hobbit, o melhor livro infanto-juvenil de todos os tempos, J. R. R. Tolkien escreveu: “Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca desagradável, suja e úmida, cheia de restos de minhocas e com cheiro de lodo; tampouco uma toca seca, vazia e arenosa, sem nada em que sentar ou o que comer: era a toca de um hobbit, e isso quer dizer conforto”. Inspirado por esse sublime trecho de um gênio literário, no difícil e honroso mister de prefaciador, afirmo que nesse livro de contos habitam sentimentos profundos, em grande medida externados por potenciais brilhantes escritores.

Fiquei muito impressionado. Apesar da pouca experiência de vida dos contistas, não encontrei nada de superficial. Há sobretudo coragem – característica de bons literatos – para desnudar afetos, convulsões, alegrias, medos, paixões, humor sutil e *nonsense*, fruto de inteligências aguçadas, muita criatividade e estética redacional.

O leitor encontrará diversos matizes literários em sessenta e duas páginas que revelam o âmago de uma constelação de personalidades em formação. Digo âmago porque escrever ficção é se mostrar ao avesso, ainda que se tente o contrário, mesmo quando impelido por etapa obrigatória da grade curricular. Quem dirá na antecâmara da vida adulta: a puberdade.

Encontrei nesta feliz manhã fria de setembro, no conforto de meu escritório – uma verdadeira toca – acompanhado de um mate pura folha, à semelhança de um Bilbo bolseiro meridional – apesar da diferença gritantes de altura, idade e fortuna... – regionalismo, romantismo, perfis realistas, jovens que poderiam militar com êxito tanto na prosa quanto no verso. Vi,

com efeito, sem bajulação piegas, impressões de Austen, Linspector, Poe, Estphen King, Verne, Doyle, Esopo; foram esses que me ocorreram no grato momento. Vislumbrei, estarrecido, pendores filosóficos e teológicos. Aprendi muito!

Um conselho aos autores: a produção artística constitui uma necessidade aos que são vocacionados. Alguns a descobrem em tenra idade, outros no meio da vida, poucos no eclipsar da existência. Sob a influência de Bram Stoker – um dos meus favoritos – ousou dizer que, no mais das vezes, começa à semelhança de uma unha terrificante e aguda de Drácula, a espetar o peito de dentro para fora. Você não sabe o que é direito. Não consegue explicar. Só descobre quando permite que ela finalmente rompa o coração e se materialize. Você faz e fica satisfeito, realizado.

Quando você produz a sua arte. Aos que desde já sentem idênticas garra e dor a lacerar o tórax – com certeza há muitos assim neste livro – recomendo que não permitam que ela se dissipe em passatempos supérfluos e na desídia. Não enterrem baús transbordantes de talento para encontrarem mais tarde a frustração. Aqui há talentos especiais.

O tempo os revelará, indubitavelmente, se seguirem a minha advertência... “As duas horas que lhe peço, muitos declaram ser suficientes para um destino intelectual. Aprenda a administrar esse pouco tempo; mergulhe todos os dias de sua vida na fonte que desaltera e dá ainda mais sede” (A. - D. Sertillanges, em *A Vida Intelectual*).

Ora, na literatura, sobretudo na vida de um romancista, a inspiração é um sopro prazeroso e efêmero, a maioria do tempo é de trabalho e estudo árduos, mas o pomo, o resultado é deveras gratificante. Vão por mim.

Parabéns aos alunos, parabéns ao Colégio Maria Imaculada, absolutamente notório pela qualidade de ensino. Parabéns

aos idealizadores desta obra, especialmente às professora Kátia Zillio, minha ex-professora, e Juliana Castro. A cultura nacional, tão combalida por influências devastadoras e barbarizantes, agradece.

Imensamente honrado pelo convite para prefaciá-la primeira versão impressa: nela “habitam” futuros colegas escritores.

Curitiba, 04 de setembro de 2022.

André Ghiggi Caetano da Silva

Escritor

ACL - Cadeira n. 12.



# Sumário

- 11 | A Reunião do dia 11  
*Maria Victória Da Cáz Pellizzaro*
- 15 | Dama de preto  
*Isabella Boscarl Bellotto*
- 19 | As formigas que roubavam  
*Marco Antonio Maso Ribeiro*
- 23 | O Preço da cobiça  
*Leonardo Zanchett*
- 27 | Planeta 17  
*Bernardo Laércio G. Miolo*
- 33 | Sedução da superfície  
*Gustavo Cavalheiro da Silva*
- 37 | Sob a escuridão  
*Sarah Bastos Medeiros*
- 41 | O Lago  
*Thaynna Dias*
- 47 | Flores vermelhas  
*Regina Yukie Kobashikawa Nakamura*
- 53 | Apartamento 37  
*Ana Julia de Quadros Toondolfo*
- 63 | Mais uma noite  
*Maria Laura Fauth Guérios*
- 67 | Eclipse do Amor  
*Ana Clara Bellotto de Medeiros*
- 71 | Terror no Museu  
*André Gustavo França Juttel*



- 77 | Os Contadores de Causo  
*Vicente Desjardins Badalotti Costa*
- 81 | Vermelho Carmin  
*Igor Leffer Pommerening*
- 85 | Olhar o pôr do sol  
*Sarah Seregatti de Almeida*
- 97 | Posseiros  
*Arthur Gobbi Bossardi*
- 101 | O Vizinho  
*Mateus Garcia de Souza*
- 105 | Quinze minutos  
*Karen Sabrina Bueno dos Santos*
- 113 | A Promessa  
*Rayssa Monique de Souza Moreira*
- 117 | Azul da cor do mar  
*Manoela Almeida Oki*
- 121 | Saudade  
*Rene Fagundes Vargas*
- 125 | Na vida do tempo e do vento  
*Simon de Souza Goetten*
- 129 | Amélia, sempre Amélia  
*Ettore Bones França de Almeida*
- 133 | Transgressões  
*Julia Rosa Bossardi*
- 137 | Violência e vida não combinam  
*Katia Cristina Schubmann Zilio*



3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16  
17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

NOVEMBER  
M T W T F

11

# A Reunião do dia 11

*Maria Victória Da Cáz Pelliçzaro*

Dia 11 de setembro de 2001, 6 horas da manhã.

**O**lhei no espelho pela última vez, já tinha entendido que nada iria ajudar o meu cabelo ficar realmente bom, coloquei minha saia, camisa de linho, meia-calça, casaco e meu mocassim. Uma dor de cabeça terrível aparecia e doía. Fazia frio em Nova Iorque - odeio essas mudanças climáticas repentinas - conseqüentemente, saí mais cedo para o trabalho do que o normal, não podia pegar trânsito. E, muito menos, me atrasar para a reunião mais importante do mês. Antes, parei no café ao lado do World Trade Center, prédio no qual a Cinematic Advertisement & Co residia. Sim, eu trabalho lá. E, olha, meu cargo é realmente grande coisa, sou chefe geral da parte cinematográfica e comunicativa da empresa.

Entrei na recepção do prédio, logo senti o ar dos aquecedores em meu corpo, olhei para o meu pulso e vi que meu relógio marcava 6 horas e 45 minutos. Dirigi-me para os elevadores e esperei pacientemente por um que estivesse vazio. Logo subi para o 23º andar, estava nervosa, não sei o que será do meu futuro após a reunião de hoje. Cheguei ao meu escritório, arrumei a minha mesa como sempre, deixei meu casaco no cabide, ouvi a minha secretária eletrônica e logo liguei meu computador, daqueles grandes sabe, que demora milênios para ligar. Analisei a minha agenda, a reunião estava marcada para às 7 horas e 30 minutos, escutei batidas leves na porta. Era Cristal, minha secretária, com uma caixa de "bagels" na mão.

Assim que ela fechou a porta comecei a comer, dei um sus-

piro lento e olhei para as minhas anotações, a pior parte de ser chefe geral nessas reuniões é que nada pode sair da pauta muito menos do controle. Os "bagels" realmente estavam bons, mas a dor terrível na minha cabeça se manifestou no meu estômago. Vomitei tudo o que tinha comido na lata de lixo do escritório, realmente nojento.

Era 7 horas e 20 minutos, o horário perfeito para ir e não me atrasar para a reunião. Peguei as minhas anotações, comecei a andar pelos inúmeros corredores do andar da empresa, sempre com ar confiante. Cheguei na sala A, lugar onde a reunião aconteceria. Felizmente, só faltava eu. Começamos, os colegas falavam muito alto, não sei se era a dor de cabeça sendo dramática ou se eles realmente estavam mais irritantes do que o normal. A fala de Gerald, representante da parte dos efeitos especiais e tecnologia, sobre as inovações de novos efeitos que usaríamos na próxima produção de um filme de guerra, fez meu mal estar realmente piorar. Sentia como se um avião bem barulhento tivesse atravessado a minha cabeça. Aguentei por mais um tempo e... Dane-se! Estou mal, não aguento mais ouvir os sabichões do escritório, estou farta de ouvir barulhos de bombas explodindo e não durmo bem já faz dois dias! Fingi uma emergência, uma desculpa esfarrapada, olhares atônitos se direcionaram a mim, mas nem liguei queria sair dali o mais rápido possível.

O caminho para a recepção parecia mais longo do que o normal, escutei um barulho estrondoso acabar com os meus ouvidos, ouvi pessoas gritando desesperadamente, um calor infernal e um peso cair sobre a minha cabeça, fiquei fraca. Ótimo, estou ficando louca agora.

Acordei perdida em uma cama de um hospital localizado no Brooklyn, bem caro inclusive. As enfermeiras afirmaram que eu acordei 3 dias depois do caos. Esse, que até agora eu não entendi qual, só me contaram que, seja lá o que for, quase acabou

com o país. Dois médicos entraram, percebi três repórteres na porta me olhando curiosos, o mais alto dos médicos perguntou se eu estava me sentindo bem, se eu precisava de um psicólogo para contar sobre o trauma recente, já o outro esclareceu o motivo desse dia ser tão ruim, e como disseram, traumático... Uma meningite aguda causada pelas temperaturas climáticas instáveis, e eu achando que era só um enxaqueca.

Dia 11 de setembro de 2016, 11 horas

Os sinos da igreja batiam, alertando que o memorial iria começar, faz 5 anos que o pesadelo assolou por Nova Iorque. Vi mais de 300 colegas, lapidados, com os seus nomes numa pedra enorme, não só eles, mas outras inúmeras almas azaradas. Mortas pelo o que eu achei que era somente causa e efeito de uma meningite.

Logo após ter saído do hospital, naquele dia, entendi tudo o que tinha acontecido. Não superei, não sei se o sentimento é culpa, é trauma ou é receio, mas a quantidade de remédios que eu tomo hoje fazem eu lidar da melhor forma com o meu psicólogo.

Na sessão passada, ele me disse:

— Olha querida, você ser uma das únicas sobreviventes me deixou abismado, um caso muito desafiador para falar a verdade. Saber que o que te tirou dessa ter sido uma emergência médica, pequena na época, foi pura sorte. Mas não se engane, talvez essa seja o motivo da sua ruína. Até semana que vem, ou não...

Agora vejo meu corpo deitado numa cama de hospital, sem ar, com o coração parado, mortinha, rodeada de médicos tentando me reanimar. Eu e mais as 300 almas dos meus colegas de trabalho.



# Dama de preto

*Isabella Boscarl Bellotto*

Eloise era netinha de dona Vera, uma menina alegre, exalava felicidade a todos os seus familiares. Tinha cabelos loiros compridos e olhos verdes que acolhiam a todos ao seu redor.

Vera era uma velhinha com cara de brava, mas tão meiga como pequenos pingos de doce de leite da fazenda. Tinha cabelos grisalhos, marcas de expressões faciais muito salientes. Quando mais nova trabalhou como faxineira de um colégio militar onde conheceu muitos adolescentes. Parecia que estava sempre jovem perante os outros velhinhos.

Eloise a esperava na sala enquanto tomava banho. Ela navegava pelas redes sociais e de repente sentiu um calafrio, uma presença estranha. Coração acelerou, quanto mais nervosa, mais perto a presença se aproximava, seu olhar ergue e percorre a sala que foi tomada por uma aparição sobrenatural.

Em um longo vestido preto adentrava a sala uma mulher elegante, suas curvas acentuavam o vestido com bordados de rendas, um enorme chapéu capeline com detalhes em vermelho figurava a sua cabeça e adornava os cabelos longos escorridos da cor da noite. Ela caminhava feito modelo na passarela, com passos curtos atravessou a sala. Eloise paralisada apenas olhava o desfile da aparição, teve muitas sensações, ao mesmo tempo: os olhos arregalaram, seus pelos arrepiaram, o corpo não se mexia e sua mente não sabia o que pensar. Após alguns minutos, que pareciam horas, a mulher desaparece. A menina corre em direção aos quartos à procura de sua avó.



Ofegante conta tudo e detalha como se sentiu enquanto a moça de preto caminhava pela a sala. Descreveu como a entidade trazia sensações ruins. Porém vó Vera não acreditava em espíritos, pois era uma velhinha muito fiel à igreja católica. Ordenou que a menina voltasse à sala e esperasse enquanto ela se vestia para que pudessem conversar sobre o acontecimento. Eloise faz isso sem dizer nenhuma palavra. Quando vó Vera termina de se arrumar, devagar em passos pequenos, pois pela idade já não conseguia andar muito rápido, vai para sala à procura de sua netinha. Não a encontra em nenhum lugar, Eloise havia sumido.

Então a velha se lembra de que nunca houve ninguém na casa, pois morava sozinha há anos e ninguém a visitava.





# As formigas que roubavam

*Marco Antonio Maso Ribeiro*

O dia estava chuvoso e cinzento, Carlos está sentado no sofá assistindo a um filme sobre um homem que se comunicava com os espíritos. O personagem escrevia todos os seus relatos, como um livro de perguntas e respostas. Durante uma parte da narrativa que era um pouco monótona, Carlos pegou no sono e sonhou que ele também poderia se comunicar com espíritos.

Ele estava no céu e podia conversar com seu avô falecido, eles passaram por campos trigo e bosques com as mais lindas flores. Seu avô mostrava tudo que de bom tinha lá, os cheiros e os sabores. Parecia tão real, mas não era... Um forte raio de sol ilumina seu rosto e o faz acordar, após se levantar do sofá murmura:

— Isso é um sinal.

No banho reflete sobre o sonho, toma seu café e vai para o trabalho. Logo que chega, o chefe chama para sala dele e diz:

— Vejo que você está se esforçando e com o seu tempo de trabalho aqui merece um aumento.

Carlos o agradece e não vê a hora de receber seu pagamento do próximo mês. Ele resolve comemorar e sai para uma janta com seus amigos, volta tarde para casa. No outro dia, a mesma rotina: chuveiro, café e trabalho...

Mas ao chegar ao escritório vê que está fechado, então abre seu celular e vê que é sábado, então volta para casa dando risada

do seu própria cara. Deita no sofá com uma espécie de alívio e fica olhando para cima, parecia em transe...

Tira um cochilo e acorda com barulhos na sua cozinha. O que seria? Um pacote de bala no chão? Meio sonolento encara aquele pacote e vê que lentamente ele está se mexendo. Lembrou do filme, aquele do início deste conto, observa o pacote por horas, imagina que os espíritos gostam de doce.

A conclusão a que chega é que poderia alimentar espíritos e ficar amigo deles. Então, compra muitos pacotes de doces que guarda no armário, reparou, no entanto, que o pacote de bala havia sumido.

Com o passar dos dias, pouco a pouco as balas vão sumindo e a cada pacote que sumia Carlos colocava dois no lugar, pois achava que cada vez mais espíritos estavam comendo as balas.

Numa das tardes de domingo, vê um pacote de bala passando na frente dele, a impressão era de que o pacote escorregava pelo chão, decidiu levantar do sofá e olhar mais de perto: viu o que já devia ter desconfiado: mais ou menos umas 100 formigas carregavam apressadas.

Quanta ingenuidade pensar que os espíritos comiam balas, passou a ficar com raiva das formigas. Como resolver essa infestação de insetos açucareiros? Colocou algumas balas soltas pelo chão e esperou as formigas irem pegar bala por bala, para levar para sua colônia. A cada passo delas, Carlos dava outro atrás com tubo de veneno na mão, as formigas o levaram para o fundo de sua casa onde tinha um formigueiro enorme com quase um metro e meio de altura, ele apertou o tubo de veneno e saiu correndo com medo que as formigas o carregassem também.

Entrou para sua casa trancou as portas e foi deitar, pois já era fim de tarde, não conseguiu dormir de jeito nenhum. As formigas passaram a noite atacando-o. A vingança das formigas

foi cruel: usou todo tipo de veneno, mas nada adiantava, elas, continuavam no seu pé.

A solução foi continuar dando balas e doces como se fossem animais de estimação. Só assim conseguiu voltar a dormir em paz e viver seus dias sem tormento, as formigas começaram a se acostumar com ele e sempre o recompensavam trazendo sapatos e roupas de outras casas. Elas já tinham aprendido a roubar os doces dele, outros objetos foi só uma questão de tempo.



# O Preço da cobiça

*Leonardo Zanchett*

**J**ohn e Depp eram irmãos de vida simples que moravam juntos na mesma casa em uma cidade de porte médio do interior. Certo dia, souberam pelo jornal da TV que em uma floresta isolada e inexplorada havia tesouros, como diamante, esmeralda e ouro. Quando escutaram isso, ficaram empolgados, pois finalmente iriam ter muitas riquezas. Por fim, decidiram ir, mas com algum receio, já que ninguém nunca foi para lá.

Viajaram a noite toda para a floresta, ansiosos para encontrar o tesouro. Eles pararam em uma cidade estilo velho oeste, meio deserta, para fazer um lanche que eles mesmo levaram, já que imaginavam que na viagem não iriam encontrar lanchonetes ou restaurantes. Desceram para esticar as pernas, e avistaram um senhor sentado na varanda. O homem perguntou o que estavam fazendo ali, já que era raro a cidade receber visitantes. Os irmãos disseram que estavam lanchando para seguirem viagem até a tal floresta para acharem um tesouro. O idoso balançou a cabeça e decidiu contar uma história que aconteceu há algum tempo.

Um homem estava dentro da floresta, porque também sabia que havia um tesouro lá. E ele nunca mais voltou. Uma história curta, aterrorizante, mas que não espantou os irmãos.

Acharam que era mentira para eles não chegarem lá para não pegarem as riquezas. Então seguiram viagem. Meia hora depois, estacionaram em uma estradinha de terra e foram caminhando



a pé para a floresta. Perceberam que seria muito difícil achar o tesouro naquele lugar, justamente porque era aparentemente gigante e denso.

Para recuperar as energias, decidiram descansar um pouco para ter disposição quando acordassem. Pela manhã, verificaram que havia sido uma noite tranquila. O velho senhor deveria ter mentido sobre os perigos dali, foi o que pensaram.

Antes de recomeçarem a procura pelo tesouro fizeram um trato de que não iriam embora até acharem as riquezas, pois era o sonho deles ter uma vida melhor. A procura foi até o entardecer, mas nada encontraram. Parecia que seria impossível, já que se tratava de uma mata extremamente fechada, difícil até de caminhar. Decidiram parar suas buscas e continuar no outro dia. Acharam uma gruta atrás de uma cachoeira e lá decidiram acampar, à noite.

Aproveitaram que estavam perto de um rio e pescaram uns peixes. Com as técnicas de sobrevivência que tinham, conseguiram fazer uma fogueira e assaram o animal. Com a fogueira ainda acesa, decidiram dormir para continuarem no outro dia. De madrugada, ouviram alguns sons vindo de meio da floresta pedindo ajuda. Obviamente, acharam estranho, mas logo levantaram a hipótese de que seria o idoso da cidadezinha querendo assustá-los para saírem dali e não pegarem o tesouro.

O dia amanheceu. Quando saíram da gruta, viram uma mensagem em uma pedra que dizia: ``Vocês não me ajudaram, agora sofrerão as consequências``. Estava ficando muito estranho, e começaram a achar que talvez não fosse aquele senhor.

Desconfiados olharam ao redor e, de repente, viram um ser que parecia ser um espírito. Ele estava cheio de sangue pelo corpo. O instinto avisava cada membro do corpo para que corressem e esquecessem completamente do tesouro. E foi isso que

fizeram, pois naquele momento o que importava eram suas vidas.

John estava na frente e se escondeu em um buraco na terra. Depp estava atrás e não chegou lá a tempo, e não teve chance nenhuma. Logo depois fez-se um grande silêncio na floresta e John percebeu que o espírito estava se distanciando, aproveitou aquele momento para fugir. Correu muito, embarcou no carro que haviam deixado na beira da estradinha e fugiu. Realmente, o velho da vila estava certo, aquele espírito só podia ser desse tal homem que faleceu na floresta. O trauma da perda doo amigo fora muito profundo. Por muito tempo não quis mais falar sobre o assunto.

Anos depois, John decidiu escrever um livro sobre a aventura. Sentado na varanda, refletiu como começá-lo. Viu um ônibus indo para uma excursão em uma floresta perto de uma cidade deserta. Ele tentou dizer para eles não irem para lá. Tentou alertar sobre o perigo... Mas tarde demais...



# Planeta 17

*Bernardo Laércio G. Miolo.*

**D**iário da missão, dia 7: estou há três dias preso no subterrâneo desse planeta desconhecido, existe uma espécie de mente coletiva.

Diário da missão, dia 8: consegui achar um lugar seguro, ainda escuto alguns ruídos durante a noite, mas tento ignorar.

Diário da missão, dia 9: confirmei hoje minha teoria de que não existe vida humana neste planeta, não sei até quando meu traje irá aguentar, o oxigênio está ficando limitado e só restam dois tanques na nave que, por acaso, eu sei onde está.

Diário da missão, dia 15: minha comida está acabando, mas confiante que encontrarei a nave em breve.

Diário da missão, dia 18: a mente coletiva prendeu minha nave em meio à vegetação. Tenho que ativar o sox e o SAE (serviço de atendimento estrelar).

SOX — É bom tê-lo de volta, capitão.

A-1 — Igualmente SOX.

SOX — Algo que eu possa ser útil, capitão?

A-1 — Precisamos sair daqui o mais rápido possível, mas a nave está presa, consegue resolver...

Alisha — Consigo! interrompe Alisha.

A-1 — Como você está do lado de fora comandante?

Alisha — Durante seus dias fora, SOX executou o plano de emergência já que estava sem notícias suas assim liberando todos da tripulação!

A-1 — Mas onde estão os outros?

Alisha — Estão na cúpula!

A-1— Cúpula? Como assim eu fiquei fora por 18 dias.

Alisha — Você quis dizer 18 anos, durante seu tempo fora você esteve dentro de uma camada do planeta onde o tempo é relativo: a cada dia que você esteve fora se passou um ano na superfície e durante todo esse tempo tivemos que nos adaptar e construir um local habitável para todos.

A-1 — E durante todo esse tempo vocês não conseguiram pensar em como voltar para casa?

Alisha — A patrulha estelar envia um piloto por dia para tentarmos chegar fora da atmosfera do planeta, mas muitos desses pilotos não retornam ou não alcançam a velocidade necessária para fazer a travessia.

A-1 — Se eu conseguir atravessar a atmosfera do planeta quanto tempo eu levaria para voltar?

SOX — De acordo com meus cálculos você levaria cerca de 15 anos.

A-1 — Prepare o combustível de cristal na nave que eu irei tentar.

Alisha — Você acabou de retornar capitão, não pode sair assim nos deixando sozinhos novamente por tanto tempo.

A-1 — Você sabe que eu sou o único piloto capaz de fazer isso, eu irei vocês querendo ou não e o SOX vai junto.

SOX — Ótimo, sempre quis participar de uma missão junto do senhor, capitão.

A-1 e SOX partiram em sua aventura em busca da velocidade necessária para conseguir voltar ao seu planeta, porém não contavam que o tempo de 15 anos faria com que toda sua tripulação se estabilizasse a um modo de vida novo nesse planeta, pois já estavam lá há muito tempo,

Durante os longos 15 dias/anos fora A-1 e Sox atingiram a velocidade necessária mas o motor dianteiro esquerdo tinha sido comprometido fazendo eles voltarem o mais rápido possível, o combustível também era um problema já que o cristal estava quase no fim. Pousar, claramente, seria um desafio.

A-1 — Se segura SOX — grita A-1 levantando o manche ao máximo possível.

SOX — Vamos ter que passar direto pela cúpula, senhor!

A-1 — O manche está quebrado de qualquer forma, não vou conseguir pousar.

O capitão não consegue pousar na cúpula e aterrissa no meio da vegetação do planeta, com a nave comprometida, A-1 e SOX vão caminhando até a cúpula, após horas de caminhada, SOX avista um nuvem de fumaça preta e muito fogo logo em frente. Imediatamente fica de joelhos e se arrepende. A-1 vendo a cúpula em chamas e toda sua tripulação devastada pela forte mente coletiva do planeta que engoliu a tripulação e destruiu todos seus progressos, fica em transe.

Não havia mais nada a fazer a não ser salvar suas próprias vidas.

A-1 — Eles tinham uma vida aqui e eu fui egoísta passando 33 anos fora tentando voltar para a minha vida, tudo que eles

progrediram e viveram acabou.

SOX — Você deu o seu máximo, capitão, vamos voltar agora que temos o cristal necessário, aqui não é mais seguro sem a tripulação e a cúpula.

A-1 — Nossa nave está completamente inutilizável, vamos precisar repará-la para irmos embora, mas como se está tudo destruído?

SOX — Acho que consigo hackear o sistema do depósito abandonado de naves e conseguimos uma nova, só vamos precisar levar nossos trajes e o cristal.

A-1 — Ótimo.

SOX e A-1 foram em direção ao depósito e acharam a nave 142-RBT, a mesma que tinha pousado no planeta 34 anos atrás, SOX e A-1 entram nela com seus trajes e colocam o cristal no tanque principal.

A-1 — Tudo pronto?

SOX — Sim senhor!

A-1 — Começando contagem regressiva.

SOX — 10...9...8...7...6...5...4

A-1 e SOX — ...3...2...1

A-1 — Ao infinito e para casa — fala A-1 em tom de brincadeira.







# Sedução da superfície

*Gustavo Cavaleiro da Silva*

**E**ram 22h57 minutos, isso era o que mostrava meu relógio quando olhei de relance. Realmente não era minha intenção checá-lo naquele instante. Já estávamos no estabelecimento há algumas horas, ou seja, tempo o suficiente para me arrepender de ter ido. Não me entenda mal, a moça era linda! Justamente esse era o problema. Depois de alguns episódios, adquiri o indesejado hábito de ficar constrangido na frente de pessoas bonitas, ao menos as mais bem apresentadas que eu (acredite se quiser, mas elas existem!).

Porém, não me senti intimidado dessa vez, o que me deixou altamente preocupado. Como pode qualquer homem não tremer as pernas na presença de uma criatura dessas? Digo, ela possuía o que meu avô descreveria como a elegância de Marilyn Monroe, o que minha avó descreveria como a beleza de Alain Delon, e o que eu via como um desenho que nem o maior arquiteto do universo seria capaz de imaginar. Todos os seus traços pareciam milimetricamente planejados. Não sabia dizer exatamente a que parte do mundo me remetiam.

Mas por que eu? Nem sequer me lembrava de como ela foi parar ali. Fui eu quem tomou iniciativa? Foi meu bigode que chamou atenção? Ou será que sou o único homem do local? Todas as vezes que eu tentava encontrar sentido na situação, era como se sua voz tentasse me convencer de que essas dúvidas não eram relevantes no momento, mas não percebia sua boca obedecer às palavras que eu ouvia. Já ouvi de alguns sábios que o amor nos hipnotiza, mas estaria eu tão apaixonado assim?

Desculpe minha pressa, não contei onde estávamos ainda! Pelo que me lembro era um desses bares caríssimos à beira-mar (camarão, caipirinha... você sabe) não sei o que se passou em minha mente, mas algo venceu minha relutância quanto a esse tipo de estabelecimento.

Eram 23h45 minutos, novamente não foi minha intenção checar o relógio, mas percebemos que faltavam apenas quinze minutos para o local virar a placa de "Aberto" para "Fechado". Não vou negar, esse pequeno tempo me parecia menor ainda, alguns minutos se passaram em, literalmente, um piscar de olhos, mais uma vez percebi que havia algo de errado comigo. Ouço novamente, mas dessa vez um tanto quando insistente, a mesma voz aguda e aveludada me persuadindo a acreditar que está tudo dentro dos conformes. As palavras pareciam se recusar a entrar em sincronia com seus lábios, mas optei por relevar outra vez.

Paguei a conta e, de imediato, aceitei seu convite para ir até a praia, afinal, era só atravessar a rua. Achei a ideia um pouco estranha para falar a verdade, estávamos na metade de junho, mas uma caminhada não faz mal a ninguém. Na encosta da montanha mais próxima, avistei uma capela e sugeri para caminharmos até lá. Um filme da noite se passou em minha cabeça, e então percebi que não sabia sequer o nome da moça ou de onde vinha, tentei perguntar de todas as maneiras possíveis, mas sem sucesso. Por que ainda insistia? Por que só não virava as costas e ia embora? Ela não deixava.

Meia noite, ouço as ensurdecedoras badaladas do sino, e então percebo que ela sumiu. Em seu lugar se encontrava uma figura pálida, como se nunca tivesse experimentado a luz do sol, seus dentes pareciam estiletes, e conseguia sentir o cheiro de 10 tonéis de peixe podre. Em minha frente vi o que meus avós descreveriam em suas histórias de amigos pescadores como

aquelas criaturas charmosas e sedutoras à primeira vista, mas que sem dizer uma palavra poderiam fazer você mesmo arrastar a própria alma para o fundo do oceano. Estava muito horrorizado para me lembrar como fugi de lá.



# Sob a escuridão

*Sarah Bastos Medeiros*

O caminho ao altar pode ser o caminho mais longo de uma moça. Não me refiro apenas ao corredor da igreja, mas a tudo que acontece antes disso: salões de dança, os inúmeros bailes e aos demorados passeios no parque à tarde. Me pergunto como as donzelas de Londres ainda estão sem calos nos pés e não estão esgotadas de apresentar-se à sociedade durante essa nova temporada.

A quem diga que quem casa com pressa acaba se arrependendo posteriormente. E essa ideia está evidentemente clara para Elisa Campbell, que rejeitou quatro pedidos de casamento nesta semana. Eu diria que a moça está no aguardo de seu príncipe encantado.

A família dos Campbell era considerada prodígio, as duas donzelas e os três filhos eram perfeitos fisicamente, além de seus talentos para as artes. Contudo, a família sofria por constantes ameaças do Barão Peter Bennett, motivo pelo qual Philip Campbell - o Conde - adoeceu e veio a falecer.

Os Bennett, por sua vez, sempre estavam em algum comentário da cidade pelas possíveis traições e bebedeiras constantes de Peter, além de suas encrencas com a família Campbell por motivos desconhecidos. O único que a sociedade considerava agradável naquela família era Thomas Bennett, o caçula. Fisicamente atraente e muito inteligente, seu maior sonho era escrever romances pelo mundo.

Após tantos e tantos bailes, chegou o último deles, no qual

Elisa teria que escolher de uma vez por todas o seu noivo, afinal alguém precisaria assumir o posto de Philip, e Elisa, por ser a mais velha, era a herdeira, porém teria que arranjar um marido primeiro.

Batia o sino do salão, indicando que o baile iniciaria em poucos minutos. Todas as donzelas solteiras estavam ansiosamente aguardando pelo início das danças, apresentações possíveis para que dali saíam para a vida toda. As danças por fim iniciaram, e passando-se três delas, todos começaram a sentir um cheiro um tanto quanto perturbador, algo semelhante com chamas, e quando inalado sentiam sintomas de enjoo.

A música é parada, assim como as danças, todos estavam com um olhar de estranhamento, afinal apenas sentiam aquele cheiro, mas não viam nada. Em poucos instantes alguém surge da cozinha gritando para que todos saíssem do local urgentemente, já que o fogo estava prestes a tomar conta. Gritaria, fumaça por todos os lados, ninguém conseguia ver quem estava ali e quem estava ficando para trás.

Os Bennett foram os primeiros a saírem do local, seguidos dos Campbell, que por um acaso, ficaram perto um do outro. Todavia, ao olhar em sua volta faltava alguém. E era Elisa! Todos entram em desespero, como poderiam perder de uma hora para outra a moça que estava prestes a encaminhar seu futuro?

Thomas, rapidamente volta ao salão à procura da donzela. Ao encontrá-la, em meio a todo caos, caída no chão, quase desmaiada, possivelmente pela quantidade de fumaça inalada. Velozmente o rapaz pega Elisa no colo e corre em direção da porta.

Nesse instante breve, Thomas sente seu coração acelerar e, nitidamente, o motivo ia além de toda confusão. Ele sente os fios dourados de Elisa resvalarem pelos seus braços. Ainda no

meio da confusão, o decote marcante deixado pelo vestido em púrpura real, estava visivelmente chamando atenção de Thomas.

Ao sair para fora do salão, Thomas perde completamente as famílias de vista. Nesse instante, Elisa começa a abrir seus olhos escuros, confundidos com a escuridão da noite. O jovem, então, a coloca no chão, deitada sobre o jardim escuro, onde não havia ninguém, e apoia a cabeça da jovem em seu colo.

Com presteza, enquanto recupera o fôlego, a moça sente o coração acelerar. E encontra seu olhar com o de Thomas. Sente como se estivesse encontrando um abrigo. Em instantes, Elisa olha para os lábios dele, assim como ele analisa os da moça. Os lábios se encontram, ali sentem uma mistura de sentimentos que jamais pensariam existir, o mundo ao redor de ambos, parou, e aquele instante pareceu ser o último...

E a você leitor, sinto informar-lhe, foi o último. Londres estava sendo invadida pelos bárbaros. E não demorou muito para ser lançada uma bomba que matou Thomas e Elisa, naquele jardim sob a escuridão da noite.





# O Lago

Thaynna Dias

**M**udar de cidade sempre é algo difícil e, graças a uma promoção do trabalho dos meus pais, eu estava passando por isso. Sentia a ansiedade e euforia de ter que fazer novos amigos, conhecer novos lugares, o novo assusta bastante.

Cheguei, então, à pacata Lakecity, uma cidade pequena e muito quente, principalmente no verão, com poucos habitantes e casas do mesmo modelo só que de cores diferentes, sentia que não ia me divertir nem um pouco, muito menos viver algo emocionante.

Eu estava pensando longe, dentro do carro encostada na janela, pensando em como seria a nova casa. E nossos olhos se cruzam.

Andando de bicicleta, aparentemente com pressa, era muito clichê, perfeito demais, porque o garoto era muito bonito, seus olhos eram misteriosos, seus cabelos eram diferentes, pareciam que iam me enrolar, era realmente muito estiloso, calças largas com bolsos, e a nossa troca de olhares me arrepiou, me fez sentir uma coisa que não soube explicar.

O carro seguiu, cortando nossa conexão de olhares e logo estacionando em frente a minha nova casa, a preguiça de desempacotar tudo, arrumar meu quarto de um jeito confortável, não era o que eu pensava no momento, e sim, se eu ia ver esse garoto lindo de cabelos cacheados na minha nova escola.

Chegou o tão esperado primeiro dia de aula, já tinha passado uma semana na cidade, então consegui comprar um material legal e meu uniforme, mas não saí muito de casa, porque fiquei a maior parte dos dias dentro do quarto querendo deixá-lo mais minha cara, o que era difícil, pois não tinham chegado todas as minhas coisas.

Meus pais decidiram me levar de carro no primeiro dia de aula, mas quando decorasse o caminho provavelmente iria de bicicleta, passei todo o percurso ouvindo música na playlist aleatória, até chegar à escola.

Sem muita animação, desço do carro e vou seguindo os estudantes para entrar e achar minha sala, fiquei um tempo andando pelos corredores, olhando cada papel colado na porta, até ver meu nome.

O sinal tocou, encontrei minha sala e sentei na fileira da parede, na quarta cadeira. As aulas foram bem tranquilas, mais apresentações e oficinas para os alunos se conhecerem e falarem como foram as férias.

Fui para o lanche, queria sentar e ouvir música no tempo curto que tinha, e talvez ler meu livro novo, achei um banquinho perto de uma árvore e comecei a comer meu sanduíche. Começo a me sentir observada, vejo-o de longe, e seus olhos estavam vidrados em mim, justo no momento em que eu provavelmente estava suja de maionese e com alface no dente, droga.

Sentindo que não estava nem um pouco apresentável para meu futuro romance, agradei quando ele parou de me olhar e foi para sala dele, que agora, eu já sabia onde ficava.

O resto da semana na escola passou voando, as aulas estavam correndo bem, mas o que não passava era a ideia de ir falar com o garoto, que agora me encarava pelos corredores, e entrava na

minha sala para falar com os meus colegas, que eram amigos dele, como se eu não estivesse na sala, pensei que ele poderia ser tímido, o que me fez acordar no outro dia decidida que eu faria a conversa acontecer.

Cheguei em sua sala no intervalo de aula, tentando dar passos confiantes até sua mesa, ele estava lendo, levantou a cabeça em um movimento rápido, eu o assustei. Sem jeito o olhei nos olhos, sem desviar o olhar estendo minha mão, logo me analisou de cima para baixo, fiquei toda nervosa, achando que ia ficar no vácuo, mas logo senti sua mão tocando a minha, foi uma sensação diferente, mas não de um jeito ruim, a única coisa que consegui falar foi meu nome, educadamente ele me falou o dele, vendo meu nervosismo, perguntou se eu queria lanchar com ele depois, para conversar, gritando de emoção por dentro, mas sem externalizar, aceitei.

O intervalo chegou, ele me esperava do lado de fora da minha sala, sentamos no banco que eu ficava desde o primeiro dia. Foi difícil achar assunto no início, porém quando surgiu, não conseguimos mais parar de falar, eu acompanhava todas as palavras que saiam da boca dele, e ele prestava muita atenção nas minhas, falamos sobre livros, músicas, séries, contamos até piadas, foi triste quando o sinal tocou e tive que voltar pra sala.

Depois desse dia ficamos próximos rapidamente, nossas conversas no intervalo eram sempre boas e interessantes, nunca faltava assunto, mesmo concordando e discordando, comíamos sempre no mesmo lugar, todos os dias eu ficava ansiosa para que o sinal tocasse.

Comecei a perceber que seu cheiro era bom, o seu cabelo era macio, ele ficava ainda mais bonito a cada dia que convivíamos. Não me contava sobre seu passado, nem sobre o futuro, só falava no presente, como se os dias que vivíamos pudessem ser os últimos.

Ele começou a me escrever bilhetinhos todos os dias, dizendo o quanto eu estava bonita, ou como estava ansioso para o intervalo, eu achava tão fofo. Um dia um dos seus bilhetes, causou um sorriso em meu rosto, nele estava escrito que iríamos sair depois da escola.

No intervalo perguntei onde íamos, não obtive a resposta, era surpresa, mas perguntou se poderíamos ir depois da aula, se eu não tivesse algo pra fazer, como não tinha nenhum compromisso, confirmei que eu iria.

O fim da aula chegou, eu saí e fiquei esperando, tentando não ficar ansiosa, encostada no portão, até que senti duas mãos em meus olhos e ouvi uma risada baixa, eu sabia quem era. Tirei as mãos, olhei em seus olhos sorrindo, ele estava sorrindo também, ameaçou um beijo, mas recuou pegando minha mão e me puxando para irmos ao lugar surpresa.

Não caminhamos muito até encontrarmos várias árvores, uma estradinha no meio delas que nos levou até um lindo lago, um lugar sereno e tranquilo, eu disse que achei o lugar lindo, ele feliz que eu gostei da surpresa, me puxou devagarinho e me beijou, foi o melhor beijo da minha vida, ele segurava meu corpo contra o dele, logo depois me abraçou apertado, ficamos assim um tempo. Ali virou o nosso novo lugar.

Todos os dias depois da aula me levava para o lago e lá dizia que ficaríamos juntos e fazia muitas promessas de amor. Ficávamos horas mergulhados em risadas e águas profundas, até ele nunca mais voltar de lá...

Foi aí que o dia chegou, eu não sei o que houve ou como o meu amado se afogou, parecia que alguém o puxava, ele lutava para sair e nadar, era horrorizante vê-lo se afogando lentamente, tentei pular no lago para salvá-lo, porém era uma péssima nadadora, mal sabia nadar por mim, minha última visão foi cabelos

negros e compridos, uma pele branca e veias roxas, como se estivesse inchada, mergulhada por mais ou menos um ano, e olhos brancos.

Eu acordei na margem do lago com muitos médicos em volta, sem entender o que estava acontecendo, me lembrei das últimas cenas, achando que tinha caído no sono e só tinha sido um sonho ruim, o procuro, lembrando com clareza daquela criatura, ou melhor, mulher, o que havia acontecido? Como fui parar na margem viva se estávamos no fundo?

Morto, ele estava morto e eu não sabia o porquê, eu o queria vivo, queria vê-lo rir novamente, abraçá-lo. Mal sabia eu que a criatura que matou o garoto que eu acreditava que era meu, que eu achei que estava tentando me matar também, era a ex-namorada dele, desaparecida, aquela que há um ano ele afogou por amar demais. Ela que me salvou porque sabia que eu seria a próxima.



# *Flores vermelhas*

*Regina Yukie Kobashikawa Nakamura*

**A**riadne, a pobre viúva de 52 anos, encontrava-se na delegacia sendo interrogada pelo detetive Lewis. Perguntas seguidas de perguntas, a mulher já não aguentava mais, queria só viver seu luto, relembrar seu marido, infelizmente agora morto.

Denis havia sido encontrado sem vida no dia anterior, por volta das 10 horas da noite, nenhum sinal vital perceptível em seu corpo esparramado em meio do milharal da fazenda Hayballe. No meio de toda aquela mata, o sangue vermelho carmim se destacava, descendo de seu pescoço e circundando todo seu corpo, a cena era perfeita para um filme de terror. Ninguém foi visto durante horas próximas à estimada do momento em que o corpo foi despejado no local. Os principais suspeitos? Por enquanto sua esposa e o dono da fazenda.

A cada pergunta que era feita, Ariadne quebrava um pouco mais e agora, já a ponto de quase se esvaír em lágrimas, sua raiva aumentava cada vez mais. Ambos estavam em dois polos extremos, porém eram diferentes, enquanto o detetive não queria deixar o passado para trás exigindo que a pobre mulher lembrasse de cada detalhe, a viúva desejava lembrar apenas os momentos de diversão com seu marido, esquecer completamente a morte de Denis e se embriagar a ponto de não lembrar seu próprio nome.

Ariadne estava indignada com o comportamento do detetive que apenas repetia as mesmas perguntas toda vez, e em vez de ir procurar o assassino Lewis estava incomodando a pobre viúva



durante o momento mais fraco da vida dela. E pelo que parecia, o detetive se escondia por trás da mesma desculpa, “você pode ser a próxima”, e em seguida tentava acalmá-la dizendo que teria apenas mais algumas perguntas para que a viúva respondesse, formando um ciclo sem fim.

A mulher sabia que essa era apenas uma fala repetitiva direcionada para ela já que estavam sem nenhuma prova que apontava-a como assassina. Estavam esperando uma inconsistência no seu discurso para que pudessem liberar a informação à imprensa de que a cidade estava segura, fazendo que os cidadãos não se preocupassem.

As perguntas eram todas repetidas e a viúva não aguentava mais, a cada resposta que dava a respiração ofegava e mostrava que ela realmente não aguentava mais as mesmas perguntas inúmeras vezes.

E enfim Lewis finalmente perguntou algo que poderia ajudar na construção da resolução do caso, as perguntas começaram a ficar mais consistentes. Os dois presentes na sala falavam sobre o trabalho de Denis. Todos os inimigos, chefes e colegas que foram mencionados em algum ponto.

Em todo trabalho temos inimigos, no de Denis não poderia ser diferente, Ariadne tinha se lembrado de uma informação que talvez ajudasse a desvendar esse caso. Uma pessoa que o falecido sempre reclamava, mesmo que não gostasse de compartilhar sobre o trabalho, deixou suspeitas na mulher. Não se lembrava se o nome do trabalhador era Henry ou Harry, porém lembrava que o marido reclamava que o chefe tinha preferências e isso apenas aumentava a rivalidade deles.

A informação revelada fez o detetive saber quem procurar: Henry Cesarini. Aquele maldito colega do falecido era quem tinha matado aquele pobre homem, Denis que poderia ter co-

nhecido netos e, se sua idade ajudasse, bisnetos, teve sua vida brutalmente arrancada de seu corpo, um corte no pescoço, que conforme o sangue saía, a vida se esvaía de seus olhos e, por fim, sem nenhuma luta, tudo tinha acabado para ele, mas a vida de seu assassino continuava.

O inquérito durou algum tempo, o que para a mulher foi longo, sua idade não colaborava, estava com dores nas costas e uma dor de cabeça incessável. Mas acreditava que os policiais e detetives queriam aprofundar muito mais nas perguntas sobre o colega que Denis sempre reclamava.

Assim que os detetives saem da sala de interrogação e param de observar Ariadne ela olha estranhamente para um canto da sala que estava vazio, mas o que ninguém sabia era que ela conseguia ver seu marido ali. Denis estava de pé com a mesma roupa que estava quando morreu, porém elas não estavam ensanguentadas, estavam perfeitas, como se nunca tivesse morrido.

Ariadne olhou para ele com olhos apaixonados relembando do primeiro encontro deles e, com esse mesmo olhar, sorriu para ele. Mas era um sorriso de quem tinha se safado de algo.

Após finalmente ter sido liberada, foi direto para casa, estava cansada de seu longo dia. Sentada naquela cadeira de metal desconfortável, foi obrigada a lembrar-se da morte de seu marido minuto após minuto. Sua bolsa pesada trazia mais perturbações para seu cérebro, e seus ombros ficavam cada vez mais doloridos pelo peso, decidiu, por fim guardar seus pertences nos devidos lugares.

No mini potinho de madeira localizado logo na entrada da casa depositou seu mini guarda-chuva e suas chaves, guardou seu casaco tricotado por si mesma no guarda roupa, mas deixou sua carteira na bolsa, não iria precisar dela tão cedo e seria mais fácil se já ficasse lá.

Finalmente tirou o paninho manchado de sangue de sua bolsa, o vermelho destacado no branco ia secando e, em pontos específicos, tornava-se marrom pelo contato com o oxigênio. E do paninho desembrulhou calmamente sua faca favorita, o cabo de madeira esculpido detalhadamente se encaixava na mão da viúva perfeitamente fazendo ela sorrir. O sangue agora marcava as mãos, passando pelos longos dedos sem digitais pelas décadas de trabalho braçal desde criança.

Ariadne levou a faca para cozinha pegando uma vasilha para colocar no fundo da pia, enxaguava a faca ensanguentada, o líquido avermelhado escorria pelas mãos, caindo na vasilha formando um depósito de água e sangue. Assim que a faca estava limpa apanhou sua vasilha e se direcionou para seu arsenal de vasos.

E com o sangue retirado da faca regou as plantas favoritas de seu ex-marido, as Dálías cresciam de forma saudável e sua cor se destacava, era um vermelho bonito e forte, um vermelho carmim extraordinário, assim como o sangue de Denis.

E, 48 horas depois, lá estava Ariadne, durante o funeral recebia os sentimentos de familiares e amigos. E por uma última vez deu de presente para o ex-marido suas flores favoritas, flores vermelho-carmim.





# Apartamento 37

*Ana Julia de Quadros Toondolfo*

**A**yla caminhava por um bairro distante do seu, deixou seu carro na frente de uma casa amarela, quando começou a andar a pé, no momento em que a luz do poste se apaga, ela avistou um letreiro em vermelho escrito PUB. Não era o que planejara, mas decide entrar no local, lá era escuro, de madeira, com luzes amareladas e aconchegantes.

Sentada em uma mesa, degustando uma taça de Martini, encaro o sujeito à minha frente. Ele era alto, moreno, com várias tatuagens, o que mais me chamou atenção foram seus belos olhos verdes, parecia um Deus Grego. Ele foi chegando mais perto, pediu se poderia sentar, antes de começar a falar seu telefone tocou. Ele saiu para atender, comecei a cantar a música que tocava no som ambiente. Quando ele chegou, ficou me observando, parei de cantar e começamos a conversar.

Ele já tinha ido paguei a conta e fui embora também, porém acabei não perguntando o nome daquele homem tão bonito. Acordei com uma baita ressaca e uma dor de cabeça horrível provocada pelo barulho do despertador, tomei coragem levantei da cama e liguei a banheira enquanto abria a cortina do meu quarto. Coloco uma música para tocar e entro na banheira e perco a noção do tempo. Quando me dou conta, estou atrasada para encontrar com amigos. Visto meu biquíni e, por cima, um vestido vermelho, calcei uma sandália prata, a primeira que encontrei. Chegando lá avistei todos sentados na areia.

Escuto Maria Luiza dizendo:

— Nossa senhora pensei que a bonita não vinha mais.

— Só pela cara de sono garanto que estava com aquele Gato do Theo- diz Any.

— ANY, deu né - diz o Luca olhando com uma cara feia.

— Se fosse o loirinho, ela não estaria com essa cara horrível- diz Sara.

— Aylaaa, você chegou- Rafaela e Augusto vinham gritando com comida na mão.

Me viro e rapidamente agarro a comida da mão deles e eles gritam:

— LARGA, É NOSSA COMIDA !!!

— Parem de gritar eu tô morrendo de dor de cabeça e deixem eu comer pô, tô com fome.

Ayla e seus amigos começam a comer e conversar. Em seguida, os meninos chamam as meninas e também o Augusto para entrarem na água, Ayla recusa e fica junto com Petra. A conversa vai e vem quando Petra avista um moço muito elegante.

— Aylaaa, olha aquele moço todo tatuado, parece um Deus Grego- diz Petra se referindo ao moço moreno, alto, forte e tatuado que saía da água, esbanjando elegância.

Começo a olhar para o moço e o reconheço. Espera, esse é o moço do pub.

— Petra, espera um minuto que eu já volto- diz Ayla.

Vou andando calmamente na direção daquele homem, ele me olha, mas continua andando como se não me reconhecesse, nossos corpos se chocam e caímos no chão.

— Olha, se não é a ruivinha cacheada, a cantora de ontem à noite do PUB - diz o desconhecido.

Ela responde no mesmo tom, com um certo deboche:

— Olha, se não é o moço dos belos olhos verdes. Satisfação, sou Ayla. Qual o seu nome?

— Satisfação ruivinha, pode me chamar de Greco. Agora se me dá licença tenho que ir trabalhar, estou quase atrasado, iremos nos encontrar logo. Ele resmunga mais alguma coisa que não consigo escutar. Fiquei o resto do dia pensando no que ele me falou, pois como iremos nos encontrar logo?

A praia perdera o encanto, me despedi apesar dos protestos de todos e fui embora. Rafaela quis vir comigo.

Em casa, uma surpresa: girassóis e meu perfume favorito me esperavam em um pacote lindo.

— Você descobriu algo sobre o tal Greco ? Como ele te conhece tão bem ? Ele te mandou girassóis que são suas flores preferidas Ayla e também seu perfume de pêssego, e só eu, Any e Mona sabíamos do seu perfume- Indagava Rafaela preocupada.

— Eu não faço a mínima ideia, só nos encontramos duas vezes, vai que não é ele e sim, outra pessoa. Isso era esquisito...

No dia seguinte, Ayla acorda um pouco atrasada, quando está saindo apressada de seu apartamento para trabalhar tem uma bela surpresa: seu novo vizinho é Greco. Ele logo puxou conversa:

— Bom dia ruivinha, não disse que nos veríamos logo?

Ayla contém sua euforia e lhe responde:

— Bom dia Greco, não sabia que meu novo vizinho seria você, mas seja bem-vindo. Se precisar de alguma ajuda é só



bater aqui no apartamento 37. Agora preciso ir pois já estou atrasada, mais tarde conversamos.

A partir desse dia Greco não perdia a oportunidade de se encontrar com Ayla, nos corredores, portaria e até mesmo na garagem.

Depois de certo tempo, eles já estavam bem próximos, Greco então percebe que já havia conquistado a confiança de Ayla. Ele já estava participando de sua turma de amigos. Quem não estava gostando muito da aproximação de Greco e Ayla era Théo, seu amigo, “ex-ficante” e companheiro de trabalho. Ele ainda tinha esperança de reatar o romance.

Ayla contava para Greco suas aventuras, inseguranças e projetos para o futuro, porém mantinha a restrição de alguns detalhes de sua vida. Não sabia o motivo, mas Greco lhe provocava arrepios, às vezes.

Greco na sacada do seu quarto, sabia que a hora de Ayla estava chegando. Já era hora de cumprir a missão: matar a ruivinha ou deixá-la viver. Ele seguia com o plano, afinal, era seu trabalho.

Irei convidá-la para um jantar romântico, em um local discreto, à luz de velas, o jantar seria sua comida preferida: lasanha. Esperou ela chegar do trabalho e foi pedir um pouco de açúcar emprestado. Ayla com segundas intenções convida o moço dos belos olhos verdes para entrar, pois oportunidade melhor para ter o seu novo “crush” ela não teria. Ficaram conversando por horas. Eis que rola um clima e ele a convida para um jantar. Ela logo aceita e sugere o restaurante novo que abriu na cidade, porém por parte de Greco rola uma frustração, pois Ayla sugere que toda turma vá conhecer o novo local. Ele não desiste de seu propósito e diz que gostaria que fosse um jantar especial somente entre os dois. Ela aceita e pergunta o dia e horário.

Greco vai embora e Ayla liga toda empolgada para suas amigas contando a novidade. Finalmente sairá com seu Deus Greco, mal sabe ela que seus dias estão contados. Por outro lado, Greco agora começa a planejar nos mínimos detalhes o encontro fatal. Nada poderia dar errado.

Pagarei uma certa quantia para o dono do restaurante para que na noite do dia 21 de novembro de 2037. Ninguém estará no restaurante nessa noite, nem mesmo o garçom. Tudo será como o planejado, já é hora de finalizar a missão.

Mal sabia que Théo com seus sentimentos feridos por ter perdido seu amor (Ayla), após investigar o passado de Greco, teme pela vida de sua amada. Já sabendo do jantar romântico entre Ayla e Greco, ele começa seu plano para salvar sua amada.

No dia do jantar Théo vai até o restaurante e entra pelos fundos, fica observando o casal.

Quando Greco tira sua arma preta com detalhes dourados do coldre e coloca sobre a mesa, para começar a contar para Ayla o motivo pelo qual se aproximou dela:

— Recebi uma certa quantia para assassinar você. Porém desde o dia em que a vi no PUB senti algo diferente, nunca tinha sentido antes, mas achei que poderia cumprir o meu objetivo.

O encontro era uma farsa? Por isso sentia calafrios cada vez que estava com ele? Como fora tão ingênuas? Quem pagara para eliminá-la?

— Termine logo de uma vez- diz Ayla

— Eu não consigo, pois estou... acho que apaixonado por você.

Os dois se abraçam e começam a chorar. Ela o olha e o res-

ponde:

— Desde o dia que te vi, senti algo diferente por você, sentimento que só foi crescendo com o passar do tempo. Eu te...

Em meio a tantas emoções, Théo adentra o restaurante com a arma em punho apontada para Greco. Dizendo que Greco era um assassino de aluguel, estava ali para matar Ayla, e que ele não deixaria que isso acontecesse. Greco então dá dois passos em direção a Théo que dispara em sua direção, porém, escuta outros dois disparos e Ayla e Théo caem ao chão.

Théo atira em Ayla que se coloca à frente de Greco salvando sua vida. Antes de cair no chão, ela dispara um tiro da arma de calibre 45 que acerta o braço da mão que segurava o revólver. Greco com medo de perder a sua amada atira no peito de Théo.

Greco nunca pensou que sofreria por alguém. Sempre fora frio, isso era uma condição para fazer o seu trabalho. Pega-a no colo, entra em seu carro e dirige rapidamente ao hospital. Chegando lá começa a gritar por socorro, quando uma enfermeira chega ele diz:

— Pelo amor de Deus salva ela, Ela é a mulher da minha vida.

A enfermeira leva Ayla, depois de horas sentado na sala de espera, os amigos dela e Greco estão agoniados sem notícias de Ayla. Greco começa a andar nos corredores do hospital, quando escuta o médico dizer para as enfermeiras que precisavam de um doador compatível para já. O médico abre a porta e dá de cara com Greco chorando e dizendo para o doutor:

— Eu sou compatível, eu preciso salvar a vida do meu amor.

— Enfermeiras, levem-no para fazer os exames para ver se seu sangue realmente é compatível com o dela.-diz o médico

O médico vai até a sala de espera e explica o quadro de Ayla e avisa que Greco já estava fazendo os exames, porém precisava de mais pessoas caso ele não tivesse como doar o sangue. Todos seus amigos, se ofereceram para fazer os exames. No final das contas, Greco era o único compatível e imediatamente começou a doação de sangue.

Agora precisavam esperar...

Greco vai à delegacia prestar depoimentos sobre o ocorrido no restaurante. Ele então conta à delegada que ele e Ayla agiram em legítima defesa, pois Théo entrou atirando neles. Mas não fora tão simples: Greco foi condenado à reclusão em regime fechado. Após cumprir alguns meses de sua pena e sair por bom comportamento em liberdade condicional, vai à procura de sua amada. Ela não o visitara. Greco teve medo de que não pudesse mais viver esse amor.

Passado algum tempo Ayla já recuperada, encontra-se em casa aos cuidados de Rafaela, Any e Mona. Quando toca a campainha, Mona vai atender. Ela abre a porta e se depara com Greco segurando um buquê de girassóis e uma caixa de bombons. Ele pede para entrar, pergunta para Mona como Ayla está. Ela lhe diz que é melhor ele perguntar pessoalmente. Mona fecha a porta e se dirige para o quarto. Greco vê que ela está melhor e diz que precisam terminar a conversa que começaram no restaurante. Any, Mona e Rafaela saem do quarto dizendo que voltariam mais tarde. Greco, então, puxa a poltrona para o lado de cama e lhe diz que tudo que falou no restaurante é verdade, inclusive os seus sentimentos por ela. Que ficou com muito medo de perdê-la. Greco pergunta:

— Ayla, você me perdoa?

— Sim, pois eu o amo muito.

Greco olha para ela, ajoelha-se e pega em sua mão. Tira uma

caixinha vermelha em formato de coração e diz:

— Ayla, você aceita ser a mulher da minha vida?

Ela com os olhos cheios d'água, responde:

— É claro que eu aceito.

Eles se beijam e escutam um barulho atrás deles, eram seus amigos comemorando o seu final feliz.





# Mais uma noite

*Maria Laura Fauth Guérios*

**T**udo aconteceu no dia 8 de dezembro, uma sexta-feira, a chuva caía pela madrugada, eram mais ou menos 4 horas da manhã, o sono não chegava, escutava as gotas de água que escorriam pelo teto aos rodapés de minha casa.

De repente batidas lentas soaram pela porta, pensei estar alucinando, afinal não tinha dormido nada e eram exatamente 4h15 da manhã. Vagarosamente, pé por pé, desço as escadas, as madeiras velhas rangiam fazendo um leve barulho pela casa, o que me fez ficar aflita, pois só planejava olhar pelo olho mágico. As batidas que uma vez eram lentas, apresentavam agora um grande desespero.

Um simples olhar pela porta revela minha melhor amiga, Aurora, seus cabelos loiros brilhosos estavam molhados por conta da chuva, seus olhos azuis, marejados e as lágrimas se misturavam com as gotas de água da chuva. Não poupo tempo ao abrir a porta e recebê-la, ela se sentou no sofá novo da minha casa, ofereço água com açúcar para ver se ela ficava mais calma e me contava o que havia acontecido.

Aurora contou que seu namorado, Vincent, havia saído com os amigos do curso por volta das 21 horas, ela ficou acordada até 1h45 da manhã e nada dele aparecer. Para ser sincera foi até melhor. Se não, segunda-feira na faculdade ela provavelmente apareceria com mais algumas marcas espalhadas pelo corpo. Ela veio até aqui para pedir minha ajuda para procurá-lo, muito hesitante respondi que sim, porém sugeri que primeiro iríamos



dormir e quando acordássemos sairíamos investigar onde Vincent foi parar.

Eram 9h30, o despertador toca, me dirijo ao quarto de hóspedes, encontro Aurora com cara de quem chorou boa parte da madrugada. Finjo que não percebo e ela finge que isso não aconteceu, ofereço um conjunto de roupa e a convido para tomar café da manhã.

Para ser sincera, nunca fui muito com a cara de Vincent, desde o começo parecia possessivo e ciumento e há algum tempo descobri que minha amiga sofria algumas agressões por parte dele e isso não fazia nada bem à ela, mas existia uma dificuldade para Aurora enxergar tudo isso.

Como prometido fomos atrás do garoto sumido, passamos na casa de todos os amigos que saíram com ele na noite anterior, todos contaram a mesma história, Vincent foi o primeiro a sair do pub, por volta da meia-noite.

Fizemos e refizemos o caminho para casa da aurora, de carro, caminhando e até de bicicleta. ME SINTO EXAUSTA! e nada do garoto. Ao fim da tarde ofereço uma xícara de chá para minha amiga, que tristemente está sentada na varanda de fora da minha casa lamentando por não conseguir encontrar seu namorado. Aurora deve estar com muitas perguntas rodando em sua cabeça, mas principalmente, será que Vincent ainda está vivo?

Com 24h após o desaparecimento, finalmente Aurora pode alertar a polícia sobre ele e com isso iniciar as buscas com policiais que deram alerta em todas as regiões. Mais uma vez ofereço minha casa para Aurora poder descansar e sentir o conforto vindo de alguém que gosta dela, é triste ver alguém tão próximo passar por isso e não saber muito bem o que fazer.

Vincent, com toda sua personalidade agressiva, não soube lidar muito bem com os acontecimentos da pressão de namorar

uma moça tão bonita como Aurora, porém desde o início sabia que a moça ao seu lado chamava muito atenção por sua beleza. Aurora sequer sabia de todos os problemas que acarretaria em namorar alguém então persuasivo como Vincent, acredito que dentro de um relacionamento desses não é possível saber o quão tóxica uma pessoa pode ser.

Quanto a mim, fiquei com a pior parte, a que provavelmente ninguém nunca saberá, Vincent foi mais uma de minhas vítimas.



# Eclipse do amor

*Ana Clara Bellotto de Medeiros*

Luna era uma moça muito inteligente e dedicada que sempre corria atrás de seus grandes sonhos. Com sua pele pálida como a neve e os cabelos e olhos negros como carvão, a garota atraía diversos olhares admirados por onde passava. Mesmo com tantas pessoas aos seus pés, o único que fazia seu coração bater mais rápido e lhe deixava com borboletas no estômago, era Ravi. O garoto loiro com os olhos cor de mel era igualmente apaixonado pela menina. O interesse mútuo que eles tinham por astronomia foi o que os tornou tão próximos, mesmo não possuindo tantas características em comum, tudo acabou se transformando em um amor profundo e terno e eles sabiam que eram extremamente sortudos em poder senti-lo.

Por anos o casal se dedicou a realizar o maior desejo dos dois. Trabalhar na NASA. Com muito tempo de estudo, Luna se tornou astronauta, que era o que ela mais queria na vida, e Ravi que não gostava tanto dessa parte muito aventureira, conseguiu um trabalho na sala de comando, onde trabalharia no que ele amava.

Novembro de 2021

\*5...4...3...2...1... Decolagem realizada com sucesso \*

Luna? Está me ouvindo?

Ravi!! Deu certo! Eu estou indo para a lua!!

Eu estou tão feliz por você meu amor! Está tudo certo por aí? Daqui da sala de comando parece estar.

Sim... espera aí! O foguete foi abastecido com bastante hidrazina, então POR QUE DIZ AQUI QUE ACABOU O COMBUSTÍVEL???

O QUE? LUNA? A LUZ VERMELHA ESTÁ ACESA?

SIM, EU ACHO QUE... RAVI NÓS ESTAMOS CAINDO! LUNA!!

... nunca esqueça como eu te amo...

\*Falha no foguete. Colisão com a superfície em 10 segundos\*

Dias atuais

Como você está se sentindo com tudo isso?

Hmm... acho que eu estou de certa forma bem.

Tem saudades dela?

Muita. Todos os dias.

Você sente que essa saudade machuca?

Às vezes parece que meu coração está partido em um milhão de pedacinhos.

Então porque acha que está bem?

Você conhece a lenda do sol e da lua? Diz que eles eram apaixonados um pelo outro, mas nunca podiam ficar juntos, pois

a lua só nasce com o pôr do sol. É por isso que existe o eclipse, é o momento em que finalmente os dois podem se encontrar.

Não tenho certeza se entendi o que você quis dizer.

Quero dizer que apesar de ela ter partido e que não podemos ficar juntos, algum dia, mesmo que daqui a muito tempo, nós vamos nos encontrar. Ela é a lua do meu sol, a Luna do Ravi. Só estamos esperando o eclipse.



# Terror no Museu

*André Gustavo França Juttel*

**J**erome, um homem alto, olhos castanhos, ombros largos e cabelo curto, estava de férias em uma pequena cidade no sul da França, totalmente despreocupado.

Ao fundo, crianças brincavam ao sol e famílias faziam piqueniques e se divertiam enquanto Jerome se dirigia ao seu próximo ponto turístico, o museu.

O museu era enorme, com várias áreas de períodos históricos diferentes, egípcios, gregos, romanos e muitos outros. Enquanto Jerome andava pela área de animais pré-históricos, escutou gritos vindo da sala ao lado, a ala egípcia.

Jerome corre para a sala para ver o que havia acontecido e lá encontra um cadáver de um homem branco, uns 55 anos, cabelos brancos, 1,70 m de altura, esfaqueado no abdômen. Na sala havia também uma mulher, aterrorizada com o que acabava de ver. “As luzes se apagaram, vi um vulto correndo por entre as estátuas, não sei ao certo o que era, mas era grande, parecia uma pessoa alta e magra”.

Mais pessoas começaram a chegar até na área, Jerome se lembrou dos livros que havia ganhado de seu pai quando era mais jovem, contando sobre um bravo investigador que solucionava todos os mistérios com a maior facilidade. Encontrou o segurança do museu e comentou sobre o que havia acontecido, rapidamente os dois fecharam as alas ao redor do crime, e isolaram os suspeitos.



Entre os suspeitos estavam o zelador, o assistente de cargas do museu, o supervisor de cargas, o vendedor da loja de presentes, Jannet, que encontrou o corpo, o diretor do museu, o segurança, o visitante Clarence e Jake. Diante dessa situação, Jerome vê que alguém precisa começar a fazer as perguntas antes que os suspeitos se dispersem, então ele decide interrogar os suspeitos e verificar os álibis de todos os presentes, já que o assassino deveria estar entre eles.

Jannet estava olhando as esculturas quando escutou o grito; o diretor afirmava que estava em seu gabinete, do lado oposto do museu, resolvendo assuntos administrativos do local; o zelador sustentou que estava limpando a sala sobre cultura grega, que fica ao lado da cena do crime, ouvindo música em seu fone de ouvido, e que apenas soube do ocorrido quando a turista gritou que havia encontrado o corpo; o assistente de cargas estava terminando de colocar a nova escultura na área romana juntamente com seu supervisor, que confirmou a versão do encarregado, alegando ainda que era a primeira vez que os dois faziam entregas naquele local e que não conheciam as áreas do Museu. O vendedor disse que estava atendendo um cliente em sua loja, mas que viu alguém passar por lá anteriormente, também disse que deu falta de uma máscara de múmia que estava em um dos manequins da loja, mas achou que haviam largado em algum canto da loja. Já o segurança falou que quando as luzes se apagaram, estava em sua cabine e havia acabado de receber uma ligação da polícia local avisando sobre um homem suspeito que estava na região; e Jake estava na zona grega, apreciando as belíssimas estátuas dos deuses, assim como as belas obras de arte. Parecia que todos estavam falando a verdade ou todos estariam mentindo. Quando Jerome iria verificar a versão de Clarence, as luzes se apagaram novamente.

Escutaram-se gritos enquanto as luzes estavam apagadas, quando aluz voltou, Jannet foi encontrada morta na sala ao

lado. Os suspeitos começaram a se alvoroçar, pois estavam cada vez com mais medo do assassino à solta. Algumas das pessoas envolvidas haviam sumido: o segurança, Clarence e o diretor haviam saído e ninguém sabia para onde.

Pensando sobre o que Jannet havia falado sobre o assassino, Jerome percebe que as informações combinavam com o biotipo de Clarence, além do fato de que ele havia saído do local antes que sua versão pudesse ser ouvida.

Jerome sai à procura das pessoas que não estavam na sala e, com passos lentos, em meio às luzes piscantes dos longos corredores do museu, chega ao banheiro e encontra Clarence com uma faca, rendendo o diretor e já com o segurança esfaqueado no chão. Na pia, ao lado, a máscara de múmia, que havia sido roubada da loja mais cedo, e que foi usada por Clarence para não ser reconhecido nos crimes.

Clarence começa a contar que era um criminoso procurado nos Estados Unidos por assassinato e que estaria fugindo da Interpol. O homem que havia sido morto mais cedo era um agente disfarçado que estava à sua procura e por isso o havia matado. Com relação ao segurança, Clarence disse que percebeu certa inquietação da sua parte e que havia chamado o diretor para conversarem a sós, por isso os seguiu e ao confrontar o segurança, a luta terminou com a faca no abdômem dele resultando no diretor como refém.

Terminando de ouvir a história, Jake chega ao banheiro sacando uma arma, dizendo que a primeira vítima que havia sido esfaqueada era seu parceiro, e que Clarence deveria se render. Todavia, o sequestrador se recusa a soltar o diretor, pois prefere morrer a ir para à cadeia, já que seria sentenciado à morte. Jake então tenta mais uma vez uma negociação, mas sem sucesso. O agente decide que a única forma de tirar o diretor vivo daquela situação é matando Clarence. Jake dá 2 disparos, acertando a

cabeça do bandido e o braço do diretor, que apesar dos ferimentos, sobreviveu.

Mais tarde, quando os ânimos se acalmaram e as autoridades chegam, Jerome começa a ouvir um alarme que toca incessantemente, um alarme que apenas ele pode ouvir. Escuta uma mulher o chamar pelo nome várias vezes: “Jerome! Vai se atrasar para a aula! ”, acorda com o livro em seu peito, quando se dá conta que havia dormido e tudo não havia passado de um sonho, onde ele era o protagonista da história.





# Os Contadores de caso

*Vicente Desjardins Badalotti Costa*

Existiam dois amigos de longa data, Sr. João e Sr. Zé, em uma cidade pequena no interior do estado. Uma vez perguntaram para seu Zé como se conheceram, ele respondeu que foi há muito tempo, em um concurso de casos, onde quem tinha as melhores histórias vencia. Os dois costumavam disputar entre os dois amigos para ver quem ganhava, mas todos que assistiam a eles falavam que as histórias eram muito boas, e que seria incrível se eles se juntassem para contá-las.

Foi aí que começou a amizade, eles eram bem velhinhos, tinham uns 80, 90 anos, devia ser por isso que tinham tantas histórias, dava para escrever fácil um livro para todos aqueles casos.

Uma das mais famosas foi quando seu João precisava fazer uma reforma em sua casa, mas ele achou que a mão de obra era muito cara. Fez várias buscas na região para encontrar um bom marceneiro, porém nunca ficava feliz com o valor que seria cobrado. Então ele mesmo decidiu que poderia fazer a reformas, pois tinha algum conhecimento de carpintaria.

O dia estava bem ensolarado, várias pessoas quando viram que seu João arrumava a escada para subir no telhado ficaram apreensivos:

— Seu João, o que está fazendo aí em cima? Desce daí, é perigoso - falavam os vizinhos.

Mas o velho era muito teimoso, como qualquer velhinho que conhecemos. Subiu no telhado para trocar as telhas, quando chovia a cozinha alagava. Durante um tornado de 200 km/h que havia passado na região, o telhado não aguentara.

Ao iniciar os reparos, prego ali, conserto aqui, novas telhas acolá... Seu João se desequilibrou e... caiu em cima da cerca de sua casa. Foi a maior correria.

O velho quase morreu. Seu Zé passava por ali com sua camioneta 1965, assustou-se com a cena do acidente. Parou em frente à cerca e, com ajuda de alguns vizinhos, carregou seu João para o hospital. Ele estava desmaiado e não tinha consciência de quem o salvara.

No hospital, inconsciente, foi atendido e estava em estado grave. Internado e operado recobrou a consciência e conheceu aquele que seria o seu grande amigo.

Quando teve alta, voltou para terminar o serviço na sua casa, ele mesmo, só que com a ajuda de seu Zé. Quando perguntavam como ele estava ou como havia sobrevivido dizia:

— Parece até mentira, mas teve um anjo que me salvou... Dava uma gargalhada e continuava a contar a façanha.

Ele até mostrava as marcas que tinham ficado para provar, e seu parceiro Zé confirmava tudo, disse que até viu ele caindo e levou pro hospital, senão tinha morrido. Por isso viraram grandes amigos e grandes contadores de caso. Dava pra ficar horas ouvindo as histórias, tinham várias, era uma coisa incrível que virou atração na região.

Infelizmente eles não estão mais aqui para contar, mas quem ouviu, ouviu e, se quiser contar, tenho certeza de que vão fazer sucesso.







# Vermeelho carmin

*Igor Leffer Pommerening*

**A**ugusto, a janta vai esfriar, sai da frente desse computador, seu pai já chegou. Não gostara de deixar o jogo, mas era hora, senão sua mãe ficaria gritando por muito tempo.

Após a janta alguns acontecimentos estranhos começaram naquela casa de férias, a forma que Augusto estava se comportando era extremamente diferente do habitual, estava agressivo, impaciente...

Logo Dona Cíntia, mãe de Augusto, reparou no aspecto esquisito do menino, e pensou que teria de investigar isso. Um psicólogo ou psiquiatra, quem sabe. Augusto ouviu sobre isso:

— Eu não vou no psiquiatra, coisa de maluco, eu tô normal, mãe!!!!

— Você nunca foi tão afrontoso, Augusto.

A mãe insistia para que o menino fosse ao psiquiatra, a situação só se tornava cada vez mais difícil. Cada vez mais Augusto se afastava e tentava se distanciar da família. E a mãe insistia...

— Augusto você vai ao psiquiatra sim, amanhã às quatro horas.

— Você sabe que meu nome é Nesk.

— Filho, esse é o seu nome nos jogos on-lines, o nome que eu lhe dei foi Augusto!!

Diz a mãe com uma voz já desamparada e aflita. O menino segue a insistir que seu nome seria Nesk, e a mãe exausta vai dormir.

— Nesk, já que quer que eu te chame assim. Não durma tarde, amanhã temos almoço em família.

— Não enche o saco, velha insuportável.

Ao acordar naquele sábado extremamente frio Dona Cíntia se depara com uma imagem sinistra. O cachorrinho de estimação, Bob, estava jogado ao meio da cozinha todo ensanguentado, com marcas de facada no pescoço. A mãe com voz trêmula grita ao menino:

— Augusto, que merda aconteceu com o Bob, vem aqui na cozinha.

O filho se aproxima do cachorro, e com voz estável e firme afirma para a mãe:

— Eu dormi cedo ontem, não sei o que aconteceu aqui, talvez papai estivesse acordado na hora, mas ele já não deve estar mais em casa.

A mãe vai até o banheiro pegar um pano para passar onde havia sangue do pequeno Bob, e novamente vê uma cena horrível: seu marido no box jazia no chão frio também com marcas de facada. O banheiro parecia uma zona de guerra, alguma briga deveria ter acontecido ali.

— Puta que pariu!!! O que aconteceu aqui????? Não é possível, ele não pode ter feito isso.

A mãe já muito trêmula se desata a chorar.

— Augusto vem aqui no banheiro, rápido!!!

Augusto estava com as mãos em um vermelho carmim, era

o sangue de Bob, o amado cachorro da família, tal sangue se encontrava presente em tão grande quantidade que a suposição era que ele estava limpando a bagunça que o cão causou.

A mãe assustada e sem saber o que fazer com o filho, começa a derramar lágrimas, e sua respiração cada vez ficava mais ofegante e irregular, em seguida explode:

— Foi você, né moleque desgraçado, você matou Bob e seu pai, não foi?? Me responde!!!! você só faz merda, deveria ter te mandado pra longe quando tive a chance!!

Na cabeça de quem assistiria à cena imaginaria que o menino estaria triste ou até mesmo chorando. Mas a realidade era que ele estava sorrindo, o arrependimento nem passava pela sua cabeça, apenas uma coisa estava presente ali

Augusto avança em direção a mãe, seu peso comparado ao dela era maior. E com facilidade derruba dona Cíntia no chão. As mãos ensanguentadas marcavam as roupas e rapidamente se moveram para o pescoço. O sangue contracenava com a pele alva da mãe, que lutava para não ser sufocada. Augusto era muito mais forte e todas as invertidas que a mãe dava para se salvar ele bloqueava sem esforço algum. Com o tempo o ar foi se esvaindo do pulmão da mãe que rapidamente chega ao seu destino.

Em uma manhã uma família inteira foi destruída, ainda restava, apenas, o assassino que, lentamente sai da casa e vai embora sorrindo.



# Olhar o pôr do sol

*Sarah Seregatti de Almeida*

**E**stá anoitecendo mais uma vez. Os dias acordada passam mais rápido do que naquele... sonho. Tudo se tornou mais frio com o tempo. Nem mesmo as luvas de frio esquentavam minhas mãos como as dele.

— Estou cada vez mais sufocada com esse mundo - suspirei para o vazio - Você poderia estar vivo, né?

Voltei minhas mãos para os bolsos desolados do casaco e segui meu caminho para a cidade fria e cinzenta, embora houvesse muitas luzes aos arredores. Isso me faz lembrar dos olhos dele. Me faz relembrar daquela imensa galáxia escondida em apenas um olhar de arrependimento.

"Viajamos tanto nos nossos trilhos que nem mesmo planeja-  
mos voltar para o lugar de onde saímos um dia."

Você me disse isso um dia. Eu devia ter te beijado mais uma vez antes de partir. Não queria seguir meu caminho, mas suas palavras afetaram minha mente e meu coração. Me sinto tão... vazia sem você.

— O que houve com o Sol depois de você ter me empurrado? Ele se explodiu? -perguntei com os olhos marejados. -Preferia ter seguido meus caminhos contigo, do que estar aqui, acordada... Você está com frio?

Ali chorei lágrimas de decepção comigo mesma, mesmo sabendo que ele estava certo, acima de tudo. Nossas mãos se

aqueciam e se entrelaçavam a cada segundo que se passava. Sua carne estava dando nó na minha alma, assim como sua alma beijava docemente meu amor. Naquele mesmo momento pensei seriamente sobre como seria o nosso final. "O que poderia haver, afinal?" pensei comigo mesma.

— Você me amaria mesmo que o Sol se apagasse? - questionei-o.

— Por que ele se apagaria? -devolveu com uma pergunta um tanto quanto complexa.

— Hummm... -pensei por alguns segundos. - Por causa das suas lágrimas.

— Acredito que estarei contigo mesmo que ele se exploda no espaço.

— "Acredita"?

— Bom, espero estar contigo até esse dia.

— Como assim?

— Porque podemos nos separar antes do sol se pôr de vez. Mesmo que aqui, ele demore um pouco para isso...

Nos calamos por um grande tempo. Até que lhe perguntei com os olhos angustiados e a voz trêmula:

— Nada é para sempre, né? -Nada. -respondeu e pareceu sentir o peso da pergunta.

Nos encaramos por alguns minutos dentro desse silêncio. Eu sabia que alguma hora iríamos nos separar. Não poderei amá-lo o suficiente. Não poderei olhar para ele para sempre. Se nos resta apenas um Sol, o amarei até ele vir a se pôr de vez.

— E o que você faria se pudesse pisar nela? -perguntei.

— Eu a roubaria para mim, ora.

— Mas você ficaria sozinho lá. Seria chato ter algo tão belo e ficar sozinho.

— Não diga isso. A lua guarda mais segredos que um sábio e mais sentimentos que um casal que apaixonado por décadas. Não a subestime. - disse carismático.

— Você tem sempre as melhores palavras e está sempre transbordando poesia, assim como eu transbordo borboletas quando converso contigo.

— Faça você ter borboletas no estômago? — caçoou de maneira fofa.

— Não só no estômago, mas em todo o meu corpo.

— E o que essas borboletas fazem após transbordarem de seu belo corpo?

— Seguindo o último pensamento, elas voam até você que está na Lua e fazem companhia.

— Se aqui sou considerado o poeta, você seria a minha inspiração.

— Espero ter você sempre aqui, comigo — desejou.

— Mesmo que o sol se apague alguma hora? -fiz a mesma pergunta de sempre.

— Mesmo que ele se exploda! -riu após dizer tais palavras.

Me tomou em seus braços, com um sorriso gigante no rosto, e me deu beijos e beijos. Espero te fazer rir mais vezes. Que esses risos venham a ecoar para sempre em minha memória.

O porquê de amarmos alguém pode ser tão simples que se



torna algo grandioso quando descrito em palavras. Quais palavras você usará para dizer o quanto me ama? Os meus sentidos se tornam tão sensíveis contigo, que mesmo se você soltar meras palavras, irei chorar aos seus pés.

Eu poderia interpretar tudo que você dedica a mim. Eu poderia interpretar suas palavras como frases jamais ditas por algum ser humano, de tão belo e esplêndido que possam ser. Sinto que seu amor é maior que é meu. Sinto que você acorda todo dia sentindo mais e mais por mim. Sentindo mais pelo meu corpo falho. Sentindo mais pelo meu rosto. Sentindo mais pelos meus sonhos, pelos meus desejos, pelas minhas ideias tão diferentes. Pelas minhas inseguranças, pelas minhas falhas, pelas minhas frases sem sentido. Você poderia me desejar tanto à noite ao ponto de não dormir. Sinto que seu amor cresce mais e mais a cada dia dentro deste mundo e isso me faz querer mais e mais de você.

O seu amor poderia ser mais belo que todos os outros. Ele poderia me sufocar, mas ao mesmo tempo me aconchegar. Pode ser chamado até mesmo de algo extraordinário.

Eu quero sentir até o último raio de sol se esvair no vazio desse sonho. Quero sentir tanta coisa por você até tudo isso ir embora. Quero sentir esse teu sentimento extraordinário até tudo morrer. Até você se esquecer de mim e até eu me esquecer de ti - o que é impossível da minha parte. Até nada mais existir.

— Mas por que até o sol se pôr? — questionei-o mais uma vez.

— Porque ele é uma estrela valiosa.

— Me explique. -pedi.

— Essa estrela é a principal de todas. Ela é a mais especial dentre todas as outras. A mais bela e a única que desejo.

— Mesmo que haja outras mais belas e maiores que ela?  
-Sim.

— Quê?

— Seria tão bom se não fossemos apenas um sonho.

— Eu queria ter encontrado você antes do ocorrido... —  
comentei.

— Pelo menos estou tendo um bom momento aqui contigo.  
Há um lado bom nisso. Mas, diferente de mim, você ainda tem  
uma vida pela frente.

— O que está insinuando? — indaguei-o.

— Quando abrirá os olhos e levantará da cama do hospital?  
Sua mãe o espera.

— Não quero perder você. Não quero acordar deste sonho  
e me esquecer das suas palavras. O que farei se não me lembrar  
deste sonho, mas a todo momento sentir uma tristeza no peito?

— Porque é ela -apontou para a gigantesca estrela no céu  
alaranjado - que ilumina o seu rosto belo e amável. É ela que  
me mostra a clareza dos seus olhos todo dia.

Não soube o que responder de imediato. Suas palavras me  
envergonharam, mas continuou:-Seria tão bom se não fosse-  
mos apenas um sonho.

— Não sumirei facilmente de sua mente, mas nem sempre  
poderás ficar aqui.

— Mas..

— Se nem mesmo o sol fica para sempre no céu que olhas,  
por que insistes tanto em amar alguém que não poderá ficar  
para sempre contigo? Sua mãe o espera. Deves ir em breve.

Um nó ficou em minha garganta.

O que eu poderia dizer contra suas palavras que estão completamente corretas? Não quero chorar agora enquanto você me fala o que deve ser feito. Mesmo se eu chorasse por conta disso, eu não mudaria o fato de que você nunca poderá ser meu por completo. Nossos caminhos não se cruzam como pensei que cruzassem. Nossos corações podem estar até mesmo juntos, mas não se dão laços no destino.

— É tudo tão complicado.

— O quê? -interpelou.

— Ter um dever, mas se cumpri-lo, perdes um lado da moeda.

— É melhor ter uma vida cheia de moedas sem um lado, do que uma morte sem nem mesmo uma moeda.

— Não quero abrir os olhos para nunca mais vê-lo.

— Então me olhe agora e guarde lembranças de meu rosto. -ele sorriu.

Sorri de volta mesmo com os olhos marejados. Suas mãos se aconchegaram em minhas bochechas e se acomodaram em minha nuca após serem movidas. Seus dedos bagunçavam meu cabelo, mas não me irritei daquela vez. Eu sabia que aquela seria sua última vez mexendo em meus fios.

— Por favor... Continue aqui... Em minha mente.

— Continuarei. Mesmo que o sol chore e se apague.

Beijou minha testa com sutileza e carinho e colocou minha cabeça em seus ombros, mostrando que ali, eu poderia chorar. Neguei em mente, mas meus olhos não resistiram e se puseram a derramar lágrimas e lágrimas. Me pergunto se ele também

chorou com tudo aquilo.

Eu soube que ali era o nosso último sol juntos. Que ali, tudo se tornaria frio e obscuro como a noite que está por vir. Que o sol se esconderia na lua e não sairia de trás dela tão cedo. Soube que tudo estava mais perto do fim.

E observou após tudo:

— Já está tarde...

— Mas tudo está tão iluminado -respondi.

— Para ele que já está no auge, não. -Apontou para o Sol. -Observe ele se despedindo das nuvens para ir ao encontro das estrelas.

Fiz como pediu e o observei atenciosamente. Era verdade. Ele estava mais baixo do que antes. Já estava cada vez mais distante das nuvens e mais perto do horizonte.

— Mas ainda estaremos juntos, não? -perguntei querendo uma resposta completamente mentirosa. como um "Sim".

— Quem sabe?

— O que estás dizendo com isso? -Quando irá acordar? -Não pretendo ir agora. -Você tem que ir. Não desperdice sua moeda.

— Gostaria de ir para a lua contigo, em vez de lhe mandar apenas borboletas...

Nos calamos mais uma vez. Ao mesmo tempo que eu sei o que é certo, eu não queria deixá-lo. Não queria perdê-lo. Não queria vê-lo longe de mim. Não queria deixá-lo na escuridão da noite, assim como eu não queria deixá-lo passar frio. Mas nisso tudo, não queria morrer enquanto minha mão possa estar segurando sua mão.

— Sabe... -compartilhou- Mesmo que não queira, aproveite sua vida fora daqui. Me arrependo de ter feito o que fiz um tempo atrás. Eu deveria ter olhado para o sol mais vezes antes de ter decidido ir.

Apenas o escutei, embora eu tivesse coisas a dizer. Ele segurou minhas mãos mais uma vez.

Ele segurou minhas mãos mais uma vez. O sentimento de ter a alma dele beijando meu amor, se tornou forte. O sentimento de perder aquela galáxia, me deixou devastada. A saudade invadiu meu peito. Passarei frio lá fora. Você também passará aqui?

— Vá. Está anoitecendo.

— Espero te ver mais uma vez, em algum lugar. Em algum momento, em algum segundo.

— Aguardarei essa hora.

— Eu fui alguém suficiente para ti? - perguntei.

— Mais que suficiente. Foi o alguém que mais amei em mente e em coração.

Me colocou em seus braços e me agarrou como se não fosse me soltar nunca mais. Derrubei lágrimas em sua pele mais uma vez. O encharquei com meu choro de mais pura tristeza e solucei por não poder ter mais chances.

Aquele momento me fez lembrar de alguns tempos atrás, de quando o conheci pela primeira vez. Ele estava sentado nesse mesmo penhasco. Estava tão solitário, mas parecia estar à espera de alguém. Quando se levantou, ficou na ponta daquele rochedo grande e elevado. Imaginei que iria pular, mas sua resposta foi uma surpresa.

"Por que eu pularia novamente?"

Aconteceu quando passou tudo tão rápido, mas parece que estou aqui há anos. Parece que o conhecimento há séculos. Parece que sempre estive neste vazio quente e reconfortante.

— Eu o amo- sussurrei mesmo sendo apenas eu e ele ali- Eu o amo imensamente.

— Eu também a amo. -sussurrou de volta com uma voz totalmente calma, mas que segura o grito e o choro.

— Mesmo que o sol venha a explodir?

— Mesmo que ele se exploda.

Vi as estrelas em seus olhos chorarem como nunca. Chorei por estar perdendo de vista a melhor constelação que um dia vi. Beije-o pela última vez. Fiquei tão triste em vê-lo se despedir com desespero por seus lábios trêmulos. Seu beijo expressava todos seus sentimentos. Sua raiva e sua decepção. Seu amor e seu arrependimento. Seu carinho e seu desejo. Sua dor e a sua saudade.

Me afastou dando um último selinho. Aconchegou suas mãos em minha bochecha e me observou mais uma vez.

— Lembre-se deste rosto. Lembre-se dele com sutileza, assim como me lembrarei do teu.

Não me deu tempo para falar algo. Me empurrou daquela altura toda. Jogou-me como se eu fosse uma mera pena. Me fez voar suavemente de volta para a realidade fria e obscura. Minha mente se lembrava dele nitidamente. Meu coração se lembrava de todos os sentimentos expressados naquele beijo. Meus olhos, apreciaram pela última vez, aquele sol "eterno".

Pulei da cama de hospital assustada. Meus olhos começaram a derramar lágrimas e lágrimas por ainda se lembrarem de tudo. Minha cabeça doía. Meu coração estava tão apertado que pare-

cia estar sendo esmagado por uma mão gigantesca. Porém, uma voz soou tão triste quanto a minha, que estava guardada lá no fundo de minha garganta: -Filha?! Filha!

Era ela. A pessoa que parece ter me esperado acordar esse tempo todo.

— M-mãe! -Não consegui falar de tão angustiada que estava, mas juntei forças restantes de meu peito e lhe pedi - Me dê uma f-folha e um lápis, rápido! P-por favor.

Desenhei seu rosto rapidamente. Me lembrava de cada detalhe de sua face. Minha mão tremia, mas mesmo assim, tentei traçar suas feições com cuidado, para que eu não me esquecesse mais tarde. Eu tinha que ao menos me lembrar de seu rosto. Eu tinha que ao menos me lembrar dele. O quarto estava vazio. A janela estava aberta e lá fora ventava fortemente, mas era bom sentir aquela ventania toda. As cortinas pareciam flutuar no ar com cada batida de ar que recebiam, mas logo voltavam de encontro com o vidro, mas, rapidamente voltavam para os ares. Estava anoitecendo. O Sol estava indo atrás da Lua, e a Lua estava cumprimentando as nuvens.

Ele realmente se pôs... Espero encontra-lo em breve... -disse ao céu que parecia ser único me escutando ali. -Quero vê-lo na próxima vida. Quero beijá-lo mais uma vez e tê-lo em meus braços novamente, então me espere no próximo pôr do Sol. Prometo que nesse, veremos a Lua o beijar sem receio algum e veremos o Sol mais vezes. Espero estar contigo em todas as vidas e independente do que sejamos nelas. Espero que nossa moeda esteja com os dois lados. Espero ter seu ombro para chorar novamente. Que sua galáxia não perca o brilho, porque acima de tudo, meu amor continuará nela. O seu, está aqui, em meu peito, e minha alma o beijará em todo pôr do sol, até essa estrela valiosa se exploda.

Agarrei o papel de antes e o apertei contra meu peito e minha alma beijará em todo pôr do Sol, até que essa estrela valiosa se exploda. Não poderia perdê-lo nunca. Não poderia perder a lembrança de seu rosto nunca. Além de minhas lembranças, terei meu coração. Terei borboletas. Terei a moeda com apenas um lado. Terei o sol. Terei o esboço de sua amada face, porém, não poderei tê-lo pela segunda vez. Não nesta vida. Mas quem sabe na próxima, antes do sol se pôr.





# Posseiros

*Arthur Gobbi Bossardi*

Tudo começou há uns 30 anos, no auge da década de 90, Altamiro, com seus 70 anos, se via como um homem beneficiado pela vida, senhor de idade, porém podia se considerar um homem forte e saudável. O que mais se destacava nele eram as marcas espalhadas pelo corpo, dizia não se recordar qual a origem delas, mas isso não o preocupava, já que era dono da maior fazenda da região do Mato Grosso, e tinha toda a sua atenção voltada para ela.

Por mais que fosse seu sonho, o homem não poderia morar lá por conta da distância da residência de sua família, visto que havia nascido bem longe do local onde sua propriedade se encontrava, porém, para suprir essa necessidade, fazia extensas e frequentes visitas.

Por conta do tamanho de suas terras, eram incontáveis os olhares que atraíam, mas já faziam anos desde que Altamiro havia adquirido o terreno e até então nada de mal havia acontecido. Ele seguia a vida tranquilamente, com um forte investimento na extração de madeira, chegando a extrair aproximadamente 800 hectares por ano, mantendo o ritmo do antigo dono, e assim se fez por muito tempo.

Porém, era inevitável que um dia o pior viria a acontecer. Foi na madrugada de uma terça-feira, quando não havia outra luz a não ser a da lua iluminando o vasto interior da mata, que se escuta soar no horizonte os sons dos fortes motores das motos e dos tiros de espingarda se aproximando. Altamiro havia escutado sobre os rumores de que os nomeados por "posseiros"

estariam por perto em uma certa época do ano, eles eram uma grande gangue de malfeitores que partia em busca de terras para saquear. Suas motos eram tão fortes e rápidas, não havia para onde escapar, em questão de minutos todo o terreno havia sido cercado, não se via nada mais do que vultos e as luzes dos faróis, não se escutava nada mais que o barulho dos motores e os gritos de agonia daqueles que tentaram passar por eles. Todos os que estavam lá entraram em desespero, o círculo de motos foi se fechando ao ponto de que os que restaram estavam na construção principal.

Os trabalhadores haviam sido rendidos e sequestrados, já Altamiro, visto pelos criminosos como apenas mais um homem idoso, sem mais nada para oferecer, teve a misericórdia dos malfeitores ao pouparem sua vida, com o recado de que essa não seria a última fazenda saqueada pelo grupo. Diante da brutal situação, obviamente não existia possibilidade alguma de se resolver com diálogo, por isso, de imediato, Altamiro vai à delegacia em busca de ajuda. Ao contar sua história, se depara com a cara de espanto dos policiais, que imediatamente levam 5 viaturas ao local. Chegando na fazenda, tudo que se pode ver, são os restos de uma antiga construção já tomada pela mata, até que Altamiro ao seguir um rastro de pneu encontra uma grande pilha destroços, os quais escondiam as motos descritas em seu relato. As autoridades confusas com o que estava acontecendo, resolvem olhar o interior do que parecia uma antiga casa, vários corpos são encontrados, jogados no chão, em cima de mesas e sofás, além de diversos símbolos da gangue espalhados pelas paredes.

Assustados com o que viram, os policiais perguntaram para Altamiro o que realmente havia ocorrido, suplicando por perdão, o homem tirou a camisa e mostrou suas cicatrizes, cujos símbolos eram idênticos aos pichados dentro da casa. Alucinado e se dizendo vítima de seus atos, se recorda que era ele quem

fazia parte dos posseiros.

Essa confissão, no entanto, não iria acabar bem: em um momento de desespero, ele parte em direção ao policial que, por sua vez, não hesita e dispara. Estirado no chão da casa, nos últimos momentos de sua vida, ele se recorda das atrocidades que ali havia feito. Altamiro, com seus 70 e poucos anos, era um homem atormentado pelo passado, tendo de carregar o fardo dos seus atos que nem mesmo ele sabia que tinha cometido.



# O Vizinho

*Matheus Garcia de Souza*

**E**u estava no auge dos meus 20 anos e tinha acabado de me mudar para um apartamento pequeno, no centro da cidade. Entretanto, desde que eu tinha chegado lá, tinha algo que me incomodava profundamente, o meu novo quarto, aquele lugar tinha uma aura péssima, algo que me incomodava tanto, mas eu nunca sabia o porquê daquilo. Logo na primeira noite começou e, então, todas as madrugadas por volta de uma ou duas da manhã, o vizinho de cima fazia um barulho insuportável, principalmente para mim que tenho sono leve. Os sons eram como se fosse alguém caminhando de salto alto pela casa mas tentando não fazer tanto barulho. Desde que eu cheguei naquele apartamento eu mal vi meu novo vizinho eu sempre tive receio de falar com ele, eu soube, pelos outros moradores, que o homem era bem reservado e ele vivia sozinho, desde que chegou lá, sempre sozinho.

Passam-se noites e noites, não dormia muito bem, logo não rendia no meu novo emprego, a cada antipática noite que se passava eu compreendi um padrão nos sons, eles se repetiam todas as madrugadas, da mesma forma, na mesma hora e, sempre, sempre idênticos.

Eu já tinha perdido as contas de quantas noites eu não dormia, tive que recorrer a remédios que eram muito fortes, todavia cumpriam seu propósito com êxito. Dali para frente, a partir do primeiro dia que usufruí daqueles remédios não tive mais problemas com meu sono e logo percebi que eu estava me preocupando demais. Com o tempo acabei me acostuman-

do com a minha nova rotina: acordava cedo, às sete e meia da manhã, ia para o meu trabalho e só voltava para casa no fim da tarde, e quando chegava em casa eu podia aproveitar meu horário de lazer.

Alguns anos se passaram, eu me mudei, encontrei uma mulher linda, pela qual me apaixonei e com ela tive uma bela filha. Algum tempo depois, minha filha, Jennifer, me mostrou que estava aprendendo algo novo e queria me mostrar. Quando ela me mostrou tive um arrepio na espinha, um frio na barriga, um aperto no coração, algo que eu nunca senti e é difícil de explicar, pois era o mesmo som que ouvira todas as noites. Quando perguntei o que aquilo significava, ela riu e disse:

— É código morse, o mais fácil de todos, papai. - ela disse. É pra pedir socorro!







David W. Reynolds Center  
for Music and Communications

PARKING

foi

# Quinze minutos

*Karen Sabrina Bueno dos Santos*

**A**no de 2018. Escola nova, vida nova. Até agora nada de bom tinha acontecido. Acordava cedo, estudava e voltava pra casa, isso se repetia todos os dias, mas iria mudar. Em um dia qualquer, ela entrou na aula de Música, ela era linda, não era tão magra, não era aquela loira que todos caem em cima. Era uma morena de cabelos longos com pequenas mechas azuis no cabelo, vestia roupa simples, camiseta e uma calça jeans, mochila pendurada em um ombro só, ela era um pouco estranha.

Sabe aquela história de "amor à primeira vista"? Acho que foi isso que aconteceu, mas eu não queria aceitar, ela entrou e se sentou atrás de mim, perguntei seu nome ela me olhou e disse:

" Suzy "

Essa foi a única conversa que tivemos em uma semana. Dias se passaram, segunda-feira, aula de História, a professora nos pede para fazer duplas.

Professora, pode ser dupla de 3?

Rhys, a Suzy está sem dupla, faça com ela.

Meus amigos começam a me zoar, afinal eu estava indo com a menina que não tinha nenhum amigo na escola e era zoada por todos ali.

Combinamos de fazer o trabalho na casa dela, na quinta à noite. Sua casa era um pouco longe, afastada da cidade, uma

casa bem simples de família humilde, apenas um cômodo. Ela me chama para seu quarto, o qual dividia com seus pais, sua porta era apenas um pano que dividia com a cozinha. Ela me convida, envergonhada, para sentar em sua " cama " improvisada, um colchão velho no chão. Não era muita coisa, mas era o melhor que ela tinha para oferecer.

Terminarmos o trabalho e seu pai me ofereceu uma carona na sua velha bicicleta. Antes de ir, agradei Suzy por ter cedido sua casa com um beijo em sua bochecha, vi em seu rosto que ela tinha ficado envergonhada. No caminho para minha casa, fiquei conversando com seu pai e acabei descobrindo que ele tem um câncer terminal, fiquei em choque, pois ele parecia estar muito bem. Logo chegamos em minha casa, agradei por ter me dado a carona, entro pensando no dia de hoje, tomo um banho e logo vou dormir.

Acordo no outro dia com minha mãe me dizendo que o pai de Suzy tinha falecido por conta do câncer. Escovo os dentes rápido e corro para a casa dela. Chego lá em aproximadamente 30 minutos. Vejo ela e sua mãe chorando na sala, aquilo me doeu, eu estava com uma culpa me corroendo por dentro, afinal, eu aceitei a carona, talvez se ele não tivesse ido me levar, ele poderia ter aproveitado aqueles pouco minutos de sua vida com sua família. Abraço-a forte e digo que vou ficar ao seu lado para o resto da minha vida. Durante a conversa que tive com seu pai, ele acabou me dizendo que Suzy havia gostado muito de mim e gostaria de ser minha amiga, me pediu para não a deixar, eu iria cumprir isso. Suzy passou uma semana sem ir à escola, fui a sua casa todos os dias para ver como ela estava.

Passaram alguns meses e nossa amizade aumentou, começamos a andar juntos nos intervalos e sair nos finais de semana. Meus amigos começam a dizer que estou a fim dela, eu apenas digo que não. Pelo menos eu achava que não. Como eu disse

antes, ela era a zoadada da escola e por conta do falecimento de seu pai as piadinhas só aumentavam. Eu não ligava pra isso, mas ela sim. Chega o dia dos pais, vejo ela chorando na sala. Aquilo me doía o coração, me magoava muito ver ela daquele jeito, pois me sentia culpado pela morte de seu pai, mesmo ele tendo um câncer terminal eu sentia que se ele não tivesse me levado para casa naquele dia ele poderia ter sobrevivido mais um pouco, então na sala e a abraço forte, meus amigos veem essa cena e começam a rir

" Estão namorando " ...

Ela sai correndo da sala, meus amigos não sabiam a hora de parar. Vou atrás dela, mas não consigo encontrá-la. No outro dia, ela não foi à escola, vou até sua casa e a pergunto o porquê, ela estava muito triste, falo com a mãe dela, fizemos uma vaquinha para levá-la a um psiquiatra, até que vem a pior notícia, ela estava em depressão. Fiquei muito triste, a mãe dela pior ainda. Acho que eu não a via mais como uma simples amiga.

" Será que eu estou gostando dela? "

No outro dia na escola, vejo que ela estava escondendo os braços com seu moletom por descuido dela, consigo ver as marcas, de seus cortes, pareciam recentes. Sou do tipo daqueles caras que xingam quem se corta, na internet, mas não tive coragem de xingá-la, apenas conversei com ela. Ela diz para mim que não aguenta mais, que ontem à noite tentou suicídio, aquilo me deixou assustado. Até que num descuido meu, eu a beijo, aquela simples garota pura. Conto para ela que não me apaixonei por conta de sua beleza, não me apaixonei pelo dinheiro, não sei o que eu via nela, mas me apaixonei. E foi uma paixão louca por aquela garota.

Dias se passam, meu amor por ela só aumentava. Ela parecia estar menos triste, mas não tinha superado a morte de seu pai,

às vezes ainda chorava escondido no banheiro da escola. Ela precisava de mim mais do que eu dela.

Um mês de namoro, compro um belo colar, ela humildemente me comprou um boneco do homem de ferro, meu personagem favorito da Marvel que, no máximo, valia uns 20 reais. Fiquei mega feliz, eu não liguei para o preço, abracei-a bem forte e naquela noite saímos para o parque de diversões. Durante o passeio encontramos meus amigos que logo começam a fazer piadinhas sobre Suzy, aquilo acabou com nossa noite. Levo-a para casa, Suzy vai correndo para seu quarto, fico falando com a mãe dela, que me diz que desde que começamos a namorar, Suzy está mais feliz e ela, como mãe só tem a me agradecer. Vou para casa, eu já estava fazendo planos de dois, três meses, um ano de namoro. Mas não foi assim...

Eu estava na escola esperando minha namorada chegar, que com o rosto fechado, não esboça nenhuma emoção. No intervalo, ela diz que não está bem e pede pra ir pra casa. Ela estava muito estranha naquele dia. Acabam todos os horários de aula e ligo para a mãe dela. Ela diz que Suzy estava muito esquisita e pediu para não ser incomodada. Peço para ela passar o celular para Suzy e pergunto o que ela tem, ela apenas diz que é só está enjoada, sua voz estava muito estranha, mas deixei ela descansar.

Vou cedo para sua casa, ela aparenta estar melhor, me cumprimenta feliz e vamos para a escola juntos, chegando lá, não saí do pé dela, eu era super protetor. Sabe quando você ama algo, ama muito que você quer ter só para você? Parecia ser algo possessivo de minha parte, mas eu só queria protegê-la de tudo e de todos. Na mesma noite, passo mal, não vou para à escola no dia seguinte e ela vem me visitar, o tempo voa quando você está com a pessoa que você ama. Meia-noite. Ela diz que precisa ir e eu não deixo, ligo para a mãe dela que permite que Suzy dor-

misse aqui em casa. Nós começamos a nos beijar, pergunto a ela se era isso que ela queria mesmo, ela diz que sim. Nessa noite nos amamos, nos entregamos de corpo e alma um para o outro.

No outro dia acordo e vejo um bilhete:

" Eu te amo pra sempre Rhys "

Não a vejo, procuro por toda a casa. Pergunto a minha mãe que me diz que Suzy levantou cedo e foi pra casa. Ligo para mãe de Suzy e pergunto dela ela diz que estava no seu quarto peço para ela passar o telefone para ela. Minha namorada estava estranha, com a voz rouca, ela com certeza estava chorando. Peço para ela ficar calma, ela então me diz:

"Amor, eu não aguento mais tanta dor. Você foi a melhor coisa que aconteceu pra mim. eu te amo a cada batida do meu coração ".

E então ela desliga o telefone, eu desesperado corri até a casa dela.

" 15 minutos "

Chego e não vejo ninguém, vou até seu quarto e vejo sua mãe segurando-a em seus braços. A garota que eu amava já não tinha mais vida. Ligo desesperado para a ambulância, ela tinha cortado os pulsos, seu quarto que antes tinha o chão branco, agora estava vermelho de seu sangue fresco.

Hoje completa um mês e alguns dias que ela se foi e eu ainda não superei a sua perda, todo dia eu vou ao seu túmulo e fico conversando com ela sobre meu dia, me lamento por não estar ao seu lado quando ela precisou. Todo dia eu me pergunto por que eu não corri mais rápido, aqueles simples quinze minutos fizeram eu perder a pessoa que eu mais amava na minha vida. Quando você ama alguém, você não vai amar por aparência,

não vai amar pelo dinheiro que ela tem, vai amar pelo que ela é. Quando você amar, não a deixe sozinha, não espere quinze minutos para dizer que a ama, sempre que puder ligue, mande mensagem, proteja, ame com todas as suas forças. Mesmo sabendo que ela não iria mais ouvir mandei uma última mensagem, me sinto mais próximo dela.

" Amor "

visto por último em 23/09/2018.

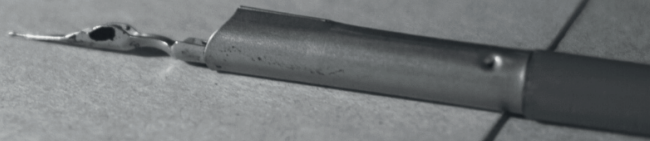
" Sabe, eu achei que nunca me apaixonaria por você, aquela menina estranha que entrou na sala, que todos zoavam por não ter roupas caras e por vir de uma família humilde. Você, Suzy mudou minha vida, você trouxe cor para a minha vida cinzenta. Eu serei extremamente grato a você por todos os sorrisos, pelas vezes que você me fazia rir com suas piadas horríveis, pelas vezes em que você me ajudou em alguma matéria da escola, pelas vezes que você estava comigo quando eu estava mal, por me proteger das aranhas que apareciam no meu quarto, obrigado por existir Suzy você foi a melhor coisa que me aconteceu eu queria muito ter dito isso quando você estava viva, eu sempre irei amá-la até meu último suspiro se eu tivesse mais quinze minutos talvez você ainda estivesse aqui ... "





60/1/1904  
J. J. Jones - 1/4  
10/1/1904

1/1/1904  
J. J. Jones  
10/1/1904



# A Promessa

*Rayssa Monique de Souza Moreira*

Vovô uma vez me disse, que devemos aproveitar a vida enquanto somos jovens porque um dia deixaremos esse mundo para trás. Ele sempre me contou histórias sobre sua adolescência, ele adorava dizer o quanto era “pilantra” e o quanto aprontava na fazenda de seus pais, ele dizia que foram os seus melhores dias, onde passou os seus melhores momentos.

Ele também falava de uma moça, que conheceu no auge dos seus 20 anos, uma mulher linda, a mais bela que ele havia encontrado. Ela tinha longos cabelos loiros, seus olhos eram verdes como a grama da fazenda e sua voz soava como os pássaros em uma manhã de domingo. Essa era Lexi. Um dia ele disse que meus olhos eram iguais aos dela.

A moça havia acabado de se mudar para o terreno ao lado, junto de seus pais. Logo, ela e o vovô desenvolveram uma linda amizade, eles estavam sempre juntos, se ajudavam o tempo todo, cuidavam dos animais e corriam pelos campos até o entardecer, pareciam duas crianças.

Foi assim por muito tempo, até o dia que Lexi o chamou para conversar, ela disse que não estava mais suportando ficar ao lado dele apenas como amiga, que estava apaixonada e queria que os dois ficassem juntos pelo resto de suas vidas. Vovô sentia o mesmo, aceitou o pedido mais do que depressa. Os dois se beijaram e ficaram até tarde da noite admirando as estrelas.

No dia seguinte, vovô escutou alguns barulhos estranhos

vindo do terreno ao lado, estava quase amanhecendo, então ele decidiu ir checar. Ao chegar lá, para sua surpresa, a casa estava vazia, os vizinhos tinham ido embora. Ele avistou uma carta em cima de uma mesa que havia sido deixada para trás. Era de Lexi. E nela estava escrito, “até o fim dos nossos dias! -L”.

Vovô voltou para casa arrasado, porque Lexi o havia deixado? Por que ela não contou que iria embora? Ele guardou a carta e prometeu que um dia voltaria a ver a garota.

Depois de alguns anos, ele conheceu a vovó, eles se casaram, tiveram filhos e foram muito felizes. A casa sempre estava cheia, os filhos e netos estavam sempre por perto. Mas todos sabíamos que ele sentia falta de alguma coisa. Depois de 48 anos juntos, a vovó faleceu.

Algum tempo depois, o vovô ficou muito doente, todos sabíamos que não lhe restava muito tempo, passei os últimos dias ao lado dele. Ele me pediu para levar a carta para o hospital, disse que queria ficar com ela, quando cheguei havia uma senhora no leito ao lado, entreguei a carta e ele me agradeceu.

— Obrigado Luli, você sabe que é minha preferida. Já lhe disse que tem os olhos dela?

Afirmi com a cabeça e sentei na poltrona ao seu lado, quando de repente a senhora que estava ao lado piorou muito, chamei os enfermeiros que conseguiram estabilizá-la. Ela olhou para meu avô e disse:

— Até o fim dos nossos dias.

— Lexi! — era ela — até o fim dos nossos dias!

Eles haviam se reencontrado, vovô conseguiu cumprir a sua promessa. Os dois fecharam os olhos e juntos, finalmente, puderam descansar.





# *Azul da cor do mar*

*Manoela Almeida Oki*

28 de julho de 2018, 22h30

Praia do Moçambique, Florianópolis

**M**ais um passeio noturno explorando cada cantinho dessa cidade. Eu e você, sentados na areia, banhados pela luz da lua cheia que preenchia o céu. E são nesses momentos que eu gostaria de ser um super gênio da física, a mais brilhante das mentes, só pra conseguir inventar uma máquina do tempo e congelar cada segundinho com você.

Eu levantei e te arrastei para o mar e, como sempre, você me seguiu com aquela cara de marrentinho, mesmo que houvesse um sorriso no fundo. A água gelada batia na minha pele, espalhando uma onda de adrenalina no meu corpo, um arrepio na base da espinha. Eu amava aquela sensação, tanto quanto eu amava você. Esses eram os momentos mais esperados da semana, faziam os momentos mais monótonos e estressantes valerem a pena, porque, por você, qualquer coisa vale a pena.

Mergulhei, sentindo a água salgada beijar meus cabelos e revigorar minha alma, eu só não esperava que, quando me levantasse, você não estaria ao meu lado. Achei estranho e, naturalmente, comecei a te procurar. Em um instante você estava ali e, de repente, não estava mais. Pensei que talvez eu tivesse perdido a noção do tempo e você tivesse voltado para o carro, ou para a areia, qualquer lugar. Procurei, procurei incansavel-

mente, procurei até ficar com os pulmões ardendo de tanto gritar o seu nome. Nadei, andei, corri, gritei, chorei, fiz de tudo, mas você nunca apareceu. O dia amanheceu e eu continuava lá, esperando encontrar você ao meu lado, me dizendo que estava tudo bem e que foi só um pesadelo. Infelizmente, isso nunca aconteceu.

28 de julho de 2019, 6h40

Praia do Moçambique, Florianópolis

Agora, sentada na areia e sentindo a brisa do mar, eu me lembro, lembro do teu sorriso, lembro das tuas pintinhas nas costas, lembro da tua cicatriz na bochecha, lembro da tua risada, lembro de você estalando toda parte do corpo, lembro do teu cafuné, lembro do teu abraço, lembro dos teus beijos, lembro de você. Mas mais importante do que isso, lembro de como eu amo cada pedacinho seu, cada detalhe que fez eu me apaixonar ainda mais.

Ninguém consegue me dizer o que aconteceu, dizem que você fugiu, que eu sou maluca ou que você provavelmente está em algum canto com uma vida nova.

Eu continuo vindo aqui, a mesma praia todo domingo de manhã, esperando encontrar você me esperando. Mesmo nunca acontecendo, no fundinho eu tenho essa esperança, porque eu te amo, amo deitar com a perna sobre a tua, amo sentir teu coração batendo rápido, amo te irritar, amo te encher de beijos, amo cada detalhe teu e tudo que tu faz, amo você, simplesmente por ser você.

Eu te amo. Em todos os segundos, em todos os minutos, em

todas as horas, em todos os dias, em todas as noites, em todos os momentos, de longe e de perto. eu te amo genuinamente e com todas as forças que tenho, porque você é apenas você, porque você sempre vale a pena.

Eu vou continuar vindo aqui todo domingo, sempre esperando encontrar teus olhos no meio dessa imensidão azul, porque eu não me canso de amar você, meu garoto dos olhos azuis da cor do mar.





# Saudade

*Rene Fagundes Vargas*

**R**oberto era um homem que constantemente reclamava das coisas, reclamava do seu trabalho, da sua casa e de tudo a sua volta, acordava pela manhã reclamando de sua cama, dizendo “dormir nessa cama é pior do que dormir no chão” reclamava da sua casa dizendo que era horrível, reclamava do seu carro que era velho, do seu trabalho que era chato, dos seus colegas de escritório que eram mais chatos ainda. No escritório, ele somente murmurava suas insatisfações, não interagiu com os seus colegas e ficava apenas contando os minutos para ir para sua casa, era assim que Roberto passava a maioria dos seus dias.

Nesse dia, Roberto fez uma viagem de negócios, enquanto alguns ficariam felizes pensando que seria algo divertido e que iriam conhecer algum lugar novo, ele apenas achou que isso seria mais trabalho e mais incômodo. No dia da viagem, arrumou suas malas e embarcou no avião seguindo o seu destino. Roberto nem sequer olhava as nuvens através da janela, somente pensava o quanto aquela viagem seria tediosa, inesperadamente, os devaneios de Roberto são interrompidos pela voz do piloto dizendo o seguinte:

“Atenção senhores passageiros, estamos passando por uma turbulência, peço que todos apertem os cintos e seguem-se firme”.

Roberto e os outros passageiros começam a ficar desesperados, o avião começa a tremer e ruir, o avião começa a cair até

atingir brutalmente o solo.

Milagrosamente, Roberto foi o único que conseguiu sobreviver, ainda meio desnorreado com o acidente, ele procura saber onde estava e percebe que está em uma ilha deserta.

O resgate provavelmente demoraria ou talvez nunca viria. Então, ele prontamente busca recursos para fazer uma fogueira e um abrigo para passar a noite, deitado nesse lugar improvisado, ele pensou que talvez demorariam alguns dias para o resgate vir e que precisava sobreviver até lá.

Então teve que aprender a sobreviver sozinho. Conseguir água era uma tarefa árdua, muitas vezes passava frio à noite, dormia com o som de animais selvagens, essa nova vida era muito mais desagradável do que aquela que ele reclamava antes. Meio farto daquela ilha e da sua situação, decide fazer uma jangada para procurar resgate, juntou algumas madeiras, amarrou-as com cuidado, fez uma jangada rudimentar e zarpou ao mar. Sua viagem pelo oceano não foi fácil, teve que enfrentar tempestades, ficou dias e dias à deriva, e poucos dias antes de sucumbir à sede e à fome, ele avista um navio de pescadores e grita com todas as forças que restavam para chamar a atenção deles.

Foi finalmente resgatado pelos pescadores que levaram ajuda médica e comida.

Perguntaram para Roberto o que ele iria fazer depois disso tudo.

E ele respondeu: “eu sei o que eu não vou nunca mais fazer: reclamar”.





# Na vida do tempo e do vento

*Simon de Souza Goetten*

O Sr. Tempo e o Sr. Vento se conhecem de longa data e resolvem se encontrar em uma manhã e conversar. Entram em uma conversa um tanto quanto reflexiva e filosófica. O Sr. Tempo começa falando qual seu dever e o quão importante é.

— Sr. Vento, eu sou muito importante. Eu faço com que as coisas sigam em frente e tomem o destino que tem que ser tomados.

O Sr. Vento repete então os seus deveres:

— Os meus, Sr. Tempo, são semelhantes aos seus, faço as coisas se moverem e empurro-as. Faço-as voarem e tomar seus destinos. E assim como o senhor eu não volto mais atrás, mesmo depois de eu ter causado uma catástrofe.

Nessa breve explicação do Sr. Vento, o Sr. Tempo fica perturbado e tenta explicar dizendo que é mais importante:

— Eu sou mais importante! Consigo até mesmo controlar a morte de tudo e de todos. Viajo através da eternidade e defino as consequências nas vidas das pessoas. E às vezes sou traduzido como dinheiro, que é o que move o mundo hoje em dia.

O Sr. Vento, vê que o Tempo não é mais importante que ele, e nem ele é mais importante que o Tempo. E sim, que os dois são importantes, dependentes e ligados. E conclui que:

— Não, Sr. Tempo. Você não é mais importante que eu.

Mas sim, estamos ligados e precisamos um do outro para a harmonia e o bom-desenvolvimento das coisas. E que a natureza e a liberdade precisam de nós. O orgulho e falta de visão interrompem nossa ligação e assim somos inoperantes. O fogo incendeia a palha, as ondas do mar se formam na orla, o dia amanhece, o bebê nasce e assim por diante, são exemplos lindos do nosso trabalho em equipe.







# Amélia, sempre Amélia

*Ettore Bones França de Almeida*

**D**roga, Amélia! -um grito ecoa pela sala de estar vazia e com cheiro de mofo. — Você não acerta uma! A velha senhora, mas não tão velha assim, ordena que Amélia, sua filha, termine de cozinhar café da manhã que a faminta rabugenta desejava. Isso era uma tarefa impossível, visto que Amélia passara uma grande parcela de seu tempo trabalhando na tenda de sua antiga e misteriosa vó.

No comércio de Gênova, uma cidade que foi atingida pela Peste Negra da época, essa tenda realizava trocas em uma época em que o comércio florescia. Fome, morte, doenças e várias outras desgraças eram aspectos das ruas melancólicas e escuras de Gênova.

No dia anterior, Amélia que sempre foi muito obediente, foi caminhando com sua túnica preta, para a tenda da avó. Nesse dia, a garota chegou e recebeu um homem com mais ou menos 1,80m, que queria trocar uma pena negra que tinha uma ponta de sangue seca por um pouco de farinha.

— É uma pena amaldiçoada. - disse o homem. — Ela irá fazer tudo o que você escrever.

— Sério? E por quanto você troca? - disse curiosa a moça.

O homem misterioso parecia com pressa e estava faminto. O pouco de farinha dado por Amélia o satisfez.

A ingênua Amélia achou estranho aquele objeto, nunca vira

ou recebera uma pena amaldiçoada antes. "Maçã", Amélia escreveu o nome do fruto em um pergaminho antigo e rabiscado, magicamente, de forma até assustadora, surgiu uma maçã vermelha e succulenta no bolso da túnica preta de Amélia. Assustada e com medo da tal pena negra que podia realizar tarefas mágicas, ela retorna ao seu inferno diário.

Amélia volta para casa e dois passos adentro da porta e a mãe de Amélia já estava aos berros com a pobre moça. Ela sempre foi muito obediente, raras vezes a raiva tomava seu coração, mas quando isso acontecia, sempre guardava-a para si mesma, apesar do sentimento de angústia e tristeza.

Nesse dia, porém, foi diferente, quando sua mãe e sua avó a chamaram ela imaginou a sua casa e as tábuas de madeira queimarem em frente aos seus olhos e, como estava com a pena mágica, isso aconteceu.

— Meu Deus, o que eu fiz? -Amélia resmungava para si mesma.

A luta para apagar o fogo e salvar a mãe e a avó fora em vão. O fogo se espalhava por toda a vila e não demorou para que os guardas aparecessem para capturar a jovem, única sobrevivente e suspeita do crime.

Amélia, estava em choque, não conseguia nem raciocinar direito, os guardas a cercaram e ela, em uma tentativa de defesa, escreveu com a pena negra em um pergaminho "Que todos queimem", mal sabia ela que a própria escrita iria acabar com sua própria vida.

Os cabelos de Amélia viraram chamas, sua túnica aos poucos revelava o fogo que sempre estivera presente na sua alma. A pena que a matou? Não, o mal sempre estivera com ela? Aos gritos pela dor das queimaduras... Aos gritos da... sua avó:

— Vamos, Amélia, onde está o café? Vamos a tenda precisa ser aberta. Que menina mais mole.

E o dia tem início aos berros como todo dia. E a pena? Não passara de sonho e desejo da pobre Amélia.



# Transgressões

*Julia Rosa Bossardi*

**B**ekah era uma menina bem nascida, vivia com a sua família de classe média alta, em San Louis Missouri. “Pobre garotinha!” Frequentava uma escola particular para meninas, etiqueta e valores, tudo para ser uma boa menina. Não era seu estilo, mas mesmo assim assistia às aulas para fazer exatamente o contrário. Era atrevida, divertida e subversiva. Tinha até uma galera que a seguia, meninas más que ajudavam a perturbar os bailes e eventos sociais.

Parecia que Bekah tinha vindo ao mundo apenas para curtir, uma vida cheia de extravagâncias, luxo e aventuras, que deixavam a sociedade da época impressionada e assustada. Assim foi toda a sua adolescência e juventude, dias e noites de badalação, bebidas, transgressões e amores.

Até que em 1947, aos 32 anos, ela se casa com o herdeiro da empresa Petróleo Willian: Eduard. Mais velho que Bekah, pelo menos uns trinta anos, ele cedia a todos os seus caprichos. Comprou para ela uma magnífica mansão, que eles chamaram de “casa de férias”, e cobriu-a de joias, vestidos caros, e a colocou nas páginas da Vogue.

Sempre havia questionamentos de como havia conseguido ser tão rica... Como tinha tantos amantes... Como se envolvia em tantos escândalos... Era uma época em que a fidelidade ainda seria muito importante.

Nascia, com o casamento, uma socialite, rodeada de famo-

sos, o que ela amava, pois tinha o grande desejo de ser uma artista reconhecida. Em vão, pois não tinha talento. Mas desfrutava da companhia de Dalí que conhecera em festas de grandes senadores.

As noites com Dalí eram intensas, música, arte e bebidas, gente bonita e famosos do mundo da arte e da dança (era uma apaixonada por balé). Estava sempre nos noticiários e páginas de jornais pois sua vida familiar era caótica. A cada festa, novas aventuras e novos olhares dos jornais da época.

Apesar de todas as loucuras nas noites de Barcelona com Dalí, Bekah teve filhos com Eduard. A cada gravidez pensava-se que ela se emendaria, mas isso era ilusão. Seus três filhos transitavam nas delegacias, tinham, como a mãe, tinham relacionamentos conturbados, envolviam-se em muitas atividades ilícitas. Os rumores, os comentários eram os mais terríveis. Uma família de loucos.

Enquanto sua família se desmantelava, os filhos se envolviam em cada vez mais situações estranhas e perigosas Bekah dava festas extravagantes: como na noite em que encheu uma piscina com Don Përigon, seu champagne predileto e mergulhou com várias personalidades do mundo bussiness.

Eduard, cúmplice silencioso da vida louca, morreu de ataque cardíaco. Muitos questionavam se ela fez o coração dele parar, foram dezessete anos de profundo deleite e luxúria. O que seria dele se ela nunca tivesse aparecido?

Foi após a morte de seu marido, que Bekah ficou ainda mais louca, reformou sua mansão: fez oito cozinhas e vinte quartos para ficar longe de seus filhos e não cruzar com eles pelos corredores. Continuou a realizar festas barulhentas, insanas. Arrumou muitos amantes e tentou por muitas vezes ainda ser uma estrela de cinema, mas tudo foi em vão.

Os exageros nunca cessavam: em 4 de julho, pintou o gato da vizinha de verde limão, pois ela reclamou do barulho. Comprou uma companhia de balé e contratou as melhores bailarinas para que dançassem somente para ela.

Aos 67, morri, eu, Bekah, morri acometida de um câncer que me corroera as entranhas... A mulher que gastava seu tempo arruinando tudo, morria apesar de ter vivido tão intensamente não conseguira ser eterna. A não ser pela narrativa que você, leitor leu até agora...

Minhas cinzas foram colocadas em um porta-joia criado por Salvador Dalí. Se é verdade tudo isso? O narrador aqui pode confirmar. E eu? Sou apenas cinzas em uma obra de arte de um amigo que por acaso, é mais famoso do que eu.





★ 32

👤 18

@ 9

♥ 25



# *Violência e vida não combinam*

*Katia Cristina Schubmann Zilio*

**É** ela, é ela! – gritavam muitas vozes da calçada.  
— É ela, pega, pega!  
— É ela, pega, mata!  
— É ela, chama a polícia!

Os gritos se avolumavam e Cida não sabia de onde vinham tantos... O instinto a impeliu a correr. Não sabia o que era, nem do que se tratava, mas os olhares de ódio em sua direção foram suficientes para que ela corresse. Isso deixou aqueles que gritavam ainda mais histéricos:

— Está fugindo! Pega!

A correria se instalou pela calçada e a caça à Cida foi contagiosa. Todos queriam pegá-la. Ela corria, corria e se assustava ainda mais com os olhares de raiva. Queria se esconder, mas onde? Em cada um dos lugares que passava as portas se fechavam ou do interior saía alguém para ver o que estava acontecendo e gritava também. Pensou na polícia, cadê a polícia? Sempre assim, quando alguém precisa...

Finalmente o inevitável aconteceu, Cida foi pega, derrubada no chão da calçada, insultos, chutes, socos, tapas, cuspes... Para que tudo isso? O que fizera Cida, afinal?

Ela já não ouvia direito o que gritavam. Estava com dor, um pontapé no estômago, outro no queixo, nas costas, nas pernas, socos no rosto e a escuridão... Desmaiara, mas a multidão ainda

batia. Sirenes, polícia, bombeiros...

O que acontecia ali? Os policiais afastaram as pessoas e com ajuda dos bombeiros fizeram o primeiro atendimento à Cida. Ela sangrava muito no rosto e estava desmaiada. A multidão ia se dissipando, no entanto o ódio em forma de palavras ainda era destilado aos montões:

— Sua.... agora você viu o que é bom.

— Vai pagar pelo que fez...

— Não vai escapar dessa vez!

A prioridade era a segurança da mulher e os cuidados com ela. Parecia grave, apanhara muito.

Na ambulância, os cuidados foram se intensificando. Pressão arterial caindo, ainda desmaiada, corte profundo na cabeça, arranhões e rosto inchando muito.

— Ela apanhou muito!

— Ainda é pouco para o que ela fez.

— E o que foi?

Alguns passantes ajudaram a espancar, não sabiam exatamente por que batiam, mas parecia ser coisa séria e ela parecia merecer, então...

A calçada estava marcada com o sangue de Cida, foi na frente da quitanda do seu Luís. Ele viu tudo. Ficara com dó da moça, porém não quis se meter. Chamou a polícia, afinal sua quitanda estava perdendo fregueses que vinham àquela hora. Sabia que eram comuns as agressões no bairro. A polícia demorara para chegar, isso também era comum: atender ocorrências de brigas nesse bairro. Sempre havia um cabeça quente, ou um beberrão que provocava alguém. Era comum e não dava em

nada. Ninguém prestava queixa, ninguém via nada ou acusava formalmente.

Mas hoje fora diferente, a mulher não se enquadrava nas ocorrências cotidianas. As agressões foram graves e ela nem se defendeu. A multidão não se dissipava, apesar da vítima já ter sido socorrida e encaminhada para o hospital. Ouviam-se ainda muitos gritos e havia muita satisfação nos olhos de cada um que estava por ali.

— Safada, teve o que merecia...

O atendimento na emergência do hospital fora rápido, encaminhada à sala de exames, não acordara, suturas e medicação, exames e correria...

— Estamos perdendo ela ... Rápido, intravenosa... sala de cirurgia... hemorragia...

Agitação na sala e, finalmente, estabilização...

Parentes foram chamados, os filhos e o marido não acreditavam no que tinha acontecido. Foram dias de espera...

No boletim de ocorrência: “quando interrogados sobre o motivo das agressões todos foram unânimes: ela merecia, sequestrava e vendia crianças. Como sabiam disso? Estava na internet a foto dela. Por que não chamaram a polícia? Para quê? Nunca resolve nada! Hoje nós mesmos resolvemos. Justiça com as próprias mãos?”

Vários homens e mulheres de bem dormiram naquela noite com a sensação do dever cumprido... Mesmo que a sensação fosse falsa e o dever não existisse, alguém pagou o preço da desinformação, um desserviço à sociedade medieval do século XXI.

Literando

Indique este livro para um amigo!  
Saiba mais em: [www.literandoeditora.com](http://www.literandoeditora.com)